

**ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO
RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO MEMORIAL DO LEGISLATIVO

51ª LEGISLATURA

2004

MESA DIRETORA

Presidente: Dep. Vieira da Cunha (PDT)

Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul
Projeto: "MEMÓRIA PARLAMENTAR: História de vida
dos parlamentares gaúchos (1947-1966)"

Depoimento de
BENO ORLANDO BURMANN

Entrevistadores:

Ângela Flach
Claudira Cardoso
Daniel Roberto Milke

Porto Alegre, 26/11/2004

APRESENTAÇÃO

Projeto: “Memória Parlamentar: História de vida dos parlamentares gaúchos”

O referido projeto faz parte de um conjunto maior de projetos que visa a concretização do *Memorial do Legislativo*. O desenvolvimento do projeto “Memória Parlamentar” está buscando resgatar as trajetórias político-sociais dos Deputados Estaduais de todas as agremiações partidárias, eleitos a partir de 1947 para a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. As entrevistas dão ênfase no período de atuação do deputado na legislatura ou legislaturas para as quais foi eleito, contribuindo para reconstituir a memória institucional da Assembléia Legislativa do Estado, a qual representa um importante *locus* da democracia na sociedade ocidental.

Apoiando-se em metodologia de História Oral, visa contribuir para a ampliação da memória histórico-política do Rio Grande do Sul, pautando-se na recuperação de aspectos da história política do Estado, a partir da memória de ex-lideranças que atuaram em agremiações políticas diversas, como por exemplo PTB, PSD, PL, PDC, PRP, PSP, PCB, MTR, PSB, UDN e PR¹. Objetiva, ainda a criação de um acervo de História Oral no Solar dos Câmara da Assembléia Legislativa do RS, disponibilizando-o ao público interessado.

O projeto está sendo realizado em parceria entre a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e o Centro de Documentação sobre a AIB e o PRP (Entidade de caráter apartidário voltada à preservação da memória histórico-cultural). Os responsáveis pela execução do projeto, desde o levantamento bibliográfico de cada depoente até a realização das entrevistas, são os historiadores Me. Ângela Flach, Doutoranda Claudira Cardoso e Me. Daniel Roberto Milke.

¹ A ordem colocada não representa critério de importância dos partidos.

[Início do lado A da fita 1]

- *Vamos começar, então...*

- *Sr. Beno, boa tarde, nós começamos a nossa entrevista lhe pedindo que o Sr. comente um pouco sobre a sua infância, seus dados pessoais, nome completo, a cidade onde nasceu, onde o Sr. se criou, nome dos seus pais, a sua escolaridade... Essas informações pessoais é o que inicialmente a gente gostaria que o Sr. colocasse.*

- Bom, vou começar, então. Eu nasci no interior do município de Santa Maria. Meus pais são Rodolfo e Edilícia Burmann. Eu nasci em 21 de julho de 1925, portanto, estou começando a me aproximar dos oitenta anos, que é a minha grande meta, chegar lá ao menos. E fui para o interior de Catuípe em 1929, minha família mudou-se, compraram um pedaço de terra lá para fazer negócio e lá fiquei até 1939. Em 1940, já escolarizado, em uma escola municipal, que até muitas vezes eu ouço falar, mas olha... se todas as escolas municipais fossem como essa da Professora Chica, que chamavam ela, esse país seria uma maravilha, porque eu até hoje tenho coisas que aprendi na escola, a minha irmã, quando ela entrou lá eu já fiquei um mês alguma coisa assim. Eu por exemplo não esqueço, vocês são muito jovens, mas tinha o livro “Seleta”, era um livro grosso para o ensino de Literatura, uma escola municipal com Literatura? Eu penso hoje... Então não esqueço que tem uma parte lá do Padre Antônio Vieira, que tem os sermões dele. E tem um dos sermões, que até hoje [eu me lembro] aquilo, que ele falava sobre a palavra “non.” N-O-N. Era o nome que ele dava. Ele dissertava uma página inteira lá dizendo que o “non” era uma palavra dura, terrível, mas aquilo, ninguém podia dizer aquilo, e era tão terrível, tão aterrorizante, que mesmo invertendo, continuava sendo “non”, porque se escrevia N-O-N. Bom, então em janeiro de 40, em 39 eu fui a Ijuí, consegui um emprego, trabalhei de janeiro em diante, porque, apesar de meus pais terem um pedaço de terra lá, e ter uma casa de negócio, nós éramos oito irmãos. Eu, apesar da minha idade, os caras lá diziam que eu era rico, eu sabia que eu não era, já fiz a conta. Não dá. *“Isso aí não vai dar para todos viverem, então eu vou estudar.”* Naquele tempo se falava em estudar [caixeiro] e guarda-livros. Então estava me formando no colégio, contabilista, e eu fui para Ijuí, consegui um emprego, por sinal um judeu. Eu sou ariano, como se diz, descendente de... Ariano é só em termos, não tenho... Nem alemão falo, é incrível, falava italiano, agora até isso já esqueci, mas os judeus me deram, varredor da loja dele, e ficou muito meu amigo até a senhora dele a dona Tereza, eu trabalhei lá dois meses e pouco. Aí tive uma proposta de um escritório de lá, que a esposa do chefe do escritório, que ele era contabilista, e queria botar uma pessoa para ficar atendendo quando ele saía e ele queria botar uma secretária. E a esposa, ela era nova, era bem jovem, mas... começou a mexer nos “cotovelos” dela e ela não queria

que fosse mulher e aí falou com a minha tia: *“Esse seu guri que tem aí, ele está trabalhando?”* *“Está.”* *“Será que ele não quer trabalhar lá com o Plínio?”* Plínio era o marido dela. *“Eu não sei, ele está trabalhando em uma loja aí, mas ele quer... Está estudando, ele quer ser guarda-livros, essas coisas.”* Era o que importava, guarda-livros já era um título, acabou com, aquilo ela... me puxou, e impôs ao marido e eu fui... ao invés de varrer a loja, ficar arrumando as peças de tecidos e roupas feitas colocando ali [*o depoente gesticula*]... eu fui lá para o escritório e isso aí foi quando eu comecei a aprender... Eu estava escrevendo à máquina, estava aprendendo datilografia, a idéia de que eu iria trabalhar em um escritório, então eu estava... Foi muito bom porque os meus chefes eram meio vagabundos, eles não eram muito de estar ali, então atrasava as coisas lá, e eu aos poucos fui aprendendo a copiar as coisas, a fazer respostas de cartas que tinha que dar, tinha já feito uma, tinha cópia daquilo, entregava, aprontava, guardava aquilo, vinha da Associação Comercial de Porto Alegre: *“Comunicar a vossa senhoria que dia tal realizou-se a assembléia geral extraordinária quando se elegeu a seguinte diretoria.”* E aquilo ia para lá e a gente tinha sempre um tipo formal e eu passei a fazer aquilo, as respostas prontas e assim fui indo... Depois de um ano fazia contratos comerciais que, com quinze mais ou menos para dezesseis anos, ali eu estava com catorze, quinze para dezesseis anos, eu fazia contratos comerciais que nos outros escritórios aqueles outros caras não sabiam fazer. Esse senhor depois foi nomeado, fez concurso fiscal do IVC, que é hoje o ICM, veio para Porto Alegre, e veio outro advogado, de Santa Maria, Doutor Jorge Ribas Santos, que depois foi desembargador, era um camarada muito do meio jovem e esse camarada me deu, abriu o caminho, *“Não, mas eu não entendo nada disso, eu sou advogado e olhe lá”*, e eu me formei agora tu... Isso aqui, essas leis fiscais, eu não entendo nada... Já estava treinado e passei e fui aprender. E estudei, me formei contador e só depois eu fiquei sabendo que era curso superior. Então, quando fui preso, tive que..., fui valorizar o curso porque não tinham o direito de me botar no calabouço lá de início... Depois, na última vez, eles me atiraram dentro lá, aí eu não tinha mais prerrogativa, mas tinha direito à prisão especial, aquela coisa toda... Eu estava ali em Ijuí, estudei e me formei em Ijuí, continuei trabalhando, mais tarde fiz concurso para o ICM, que era o antigo IVC, fui aprovado, uma turma de dois mil e poucos candidatos, foram aprovados cento e poucos, eu saí na primeira turma do vigésimo primeiro era a minha ordem e fui nomeado logo.

- Nomeado para a cidade de Ijuí?

- Não, fui para Santo Ângelo, eles não me deixaram em Ijuí, mas por causa das minhas ligações.... foi quando houve a morte do Getúlio, aí, na morte do Getúlio vim para ir ver , no dia era pertinho de Santo Ângelo, E os companheiros meus: *“Você tem que vir para cá.”* E o

governador não vai deixar de... *“Não, mas nós vamos agora fechar, brigamos com ele, mas tu tens que vir aí senão nós vamos...”* E acabei eu sendo... Voltando para Ijuí, sendo fiscal lá, tinha dois fiscais, mas o outro fiscal, ele já morreu, eu posso dizer, ele era incompetente. Era dos fiscais que chegavam lá o fulano que era teu amigo, *“Eu quero ser fiscal”*, e nomeava, pronto, mais ou menos sabia ler e escrever e tal. Eu não entendia. E eu tinha que fazer tudo, não é? Mas eu topei Entrei lá tinha outro fiscal muito bom, que ali era diferente, mas lá em Ijuí eu tive que assumir tudo. E fiquei trabalhando lá, depois veio um problema político, parei em 1947. Minha vida é essa mesmo, não tem muitas coisas extraordinárias, não sou... mas eu, em 1945, eu passei a militar politicamente. Porque não havia antes, mas lá no colégio nós tínhamos uma turma lá e eu já tinha conseguido os livros do Partido Comunista e outro do Marx, tinha todos aqueles caras Eu sempre digo que li tudo aquilo e gostei de muita coisa, mas achei que aquilo não servia para nós brasileiros. Era pirralho mas já tinha uma visão do que o pessoal queria. Os homens muito conservadores da colônia, tinham medo de qualquer coisa nova. Tinha medo que o camarada, que não tinha nada, nada, mas tinham medo que fossem tirar... um cavalinho que ele tinha para andar, coisas assim. Quer dizer, e dos comunistas também, vinha aquela outra história, levam tua mulher, levam teus filhos, e isso falavam lá e eu via que isso aí não podia... Então foi que, em 1945, na primeira eleição presidencial, o candidato a presidente foi o Dutra, o outro, o Brigadeiro dele, Eduardo Gomes, e o Iedo Fiúza, candidato pelo Partido Comunista e tinha mais um outro, não sei quem era candidato do PRP... o Plínio Salgado. Eu não tinha alternativa, mas antes disso, ali, houve a candidatura, o golpe que deram no Getúlio, destituíram-no, e ele não era [nomeara um] da justiça lá do Presidente, e foi, um negócio degradante, no meu conceito, na forma que se constituiu aquele governo, foi enchendo de cargos de camarada, de amigos, de companheiros, e de uma vez só. O Getúlio era... Eu não era getulista. Eu era anti-getulista. Mas como começou aquilo eu vi, mas o Getúlio, era o maior presidente do mundo mesmo, nisso os trabalhadores têm razão. Eu não estava a favor do Getúlio porque, apesar de eu trabalhar em um escritório que era conservador, defendia os interesses dos comerciantes, dos industriais, mas eu não concordava com eles. Queria isso, aquilo não... tem direito a férias e se vocês não derem, vai reclamar e vai ganhar, e aí eles: *“É, e brigava e tal”* Então, procurei outro: *“Eu faço assim, para passar pelas minhas mãos, ele vai assinar tua carta de demissão, vai dar um recibo de quitação, mas o Sr. vai dar esse valor que ele tem direito e pronto.”* Era assim que faziam, eles não eram capazes de decidir as coisas, se eles queriam decidir tinha uns sabidos que se metiam lá com seus advogados, gastavam com os advogados e perdiam a causa. Mas eu cheguei quando ali surgiu o golpe, eu não gostei, estava lá no colégio veio a notícia. Reunimos a nossa turma de estudantes lá e mais uns outros cursos que eram internados, eu

não estava internado, dava graças a Deus que ganhava o dinheiro para pagar a pensão, que eu morava lá nos calabouços... Mas outros eram gente assim, bem economicamente, filho de fortes comerciantes, fazendeiros, de, enfim, da região que vinham. E nos intervalos vinham e falavam comigo e eu tinha as minhas idéias, já comecei a falar em socialismo, tudo com muito cuidado, porque os caras tinham medo. E aí quando veio o golpe, eu disse: *“Isso é uma vergonha, esses caras americanos, ladrões, bandidos...”* Ali em 45, falar contra americano era um perigo, pois tinham saído da guerra, foram os russos os heróis, e o americano queria ser o herói e não era, e eu digo: *“Esses caras, sacrificaram vinte milhões de russos para defender os interesses deles... Stalingrado morrendo dois milhões de jovens...”* Aquelas coisas eu lia, eu era um cara que tinha, sabe que eu tinha, não era preguiçoso, eu lia jornais, revistas, tudo o que vinha na minha mão eu lia. Dois milhões de jovens resistiram e morreram nos escombros para evitar que os alemães, com suas Panzer que eram as famosas, chegassem em Moscou e ganhassem, terminavam a guerra... e agora vem aí querendo dar [bola] para nós e tal, eu fiz até uma declaração dentro da escola, depois saí e disse: *“nós temos que ter é aliança com os russos, e não com esses caras sem-vergonha aí que estão nos explorando.”* E ficou aquilo, depois partiu a turma do colégio e ficou uma turma que firmou comigo e ali na hora já resolvemos fazer um... Era uma sexta-feira, nós íamos lá no cinema, e depois do cinema íamos fazer uma manifestação a favor do Getúlio, e fiz um movimento lá, quemista, não era getulista. Quemista e pronto. Botaram-me para falar, nem sabia como falar em política, mas eu sei que fui lá, disse um monte de besteira, que não tenho nem idéia do que, eu sei que aí surgiu um outro lá e já marcamos para o outro dia um comício contra os... militares que tinham derrubado o governo legítimo, um golpe e tal, e no outro dia... e convocamos... naquele tempo não tinha como convocar, não tinha nem rádio lá em Ijuí, reunimos e fomos para a praça lá... E daí na hora vinha... Quando começou o negócio ali, me botaram a falar. Eu abri o comício. Como é que eu ia falar? Mas, fui dizendo as coisas no meio dos tempos, vinha saindo pela porta o Dr. Orlando Dias Ataíde, e ele era um médico que era popular, e eu dali: *“está chegando aqui o Prezado Dr. Orlando Dias Ataíde, um homem de formação cristã, mas, acima de tudo, um homem que defende os interesses do povo, e tal... E eu tenho a satisfação de passar a palavra para ele...”* Eu não tinha nem falado com ele... Ele ficou vermelho e veio ali e teve que falar, e começou, e foi assim. Depois entrei no PTB, em dezembro votei no PTB que não existia lá em Ijuí.

- O Sr. foi um dos fundadores do PTB?

- É, eu... Ali ainda não fundamos, só votei para deputado federal, um tal de Arthur Fischer, um líder de cooperativistas que tinha ali, e eu disse: *“olha esse cara deve ser bom.”*

Votei primeiro para deputado federal, votei para o Dutra para presidente, porque não tinha outro, votei no Getúlio para senador, e esse Fischer para deputado federal. Foi o meu voto...

- *O Sr. chegou a participar depois, mais adiante, da fundação, como o movimento jovem do PTB?*

- Não, dali, nós começamos com aquela turma lá, se formou um núcleo inicial para o partido começar a trabalhar. Quando foi em Janeiro de 1947, para governador, o Alberto Pasqualini, candidato a governador, e ele... Um pouquinho antes, em dezembro ou novembro ali, fundamos o PTB para defender a candidatura do Alberto Pasqualini, e não tínhamos força nenhuma... O PTB não existia lá, éramos nós, uma gurizada que se chamava “a molecada”, e os outros, o PRP era muito forte, por causa da colonização alemã e os outros eram PSD, que na época era o partido mais forte que o PRP. Depois inverteram os papéis lá, na outra eleição, já o PRP cresceu tanto e o PSD, ficou em segundo e nós aí já crescemos e fomos para terceiro lugar, foi assim que nós formamos... em 1950, e aí foi indo. Em 1947, fui candidato a vereador, nem sabia o que era vereador, mas eu sei que me puseram, o movimento jovem, tinham fundado, a ala moça... E eu era o candidato da ala da mocidade trabalhista. Fui candidato e aí me elegi, fui o único vereador do PTB, veja a força lá do..., não tinha força nenhuma, mas eu me elegi vereador e fiquei lá, me licenciava, deixava um outro senhor que eu tinha interesse que ele crescesse politicamente, porque é preciso entender que o PTB daquela época, eu fui um dos fundadores mas não só isso, eu ia, depois que saía do serviço, eu ia visitar pessoas a quem eu prestava serviços, comerciantes, quem eu conhecia ou com quem eu já tinha falado, convidava para vir para o PTB. Porque nós precisávamos ter nomes e pessoas muito responsáveis, porque eles já nos chamavam de molecada e éramos mesmo, não éramos muito mais do que isso, e com isso... E aí fizemos um diretório intercalado para essas pessoas. Eu era sempre o secretário, porque eu sabia escrever, e fazia os ofícios, fazia o requerimento para a delegacia de polícia, para a licença para a reunião política... Aquela coisa toda que precisava a papelada formal, legal, eu fazia. E eles eram os presidentes, o vice-presidente, para aparecer. Bom, aí veio, em 1950...

- *O Sr. ficou na Câmara Municipal de Ijuí por quantas legislaturas, foi uma só?*

- Não, eu não fui... Eu fui só essa vez candidato, eu não fui mais, eu não queria... Não era o que me agradava. Mas depois as coisas foram andando, em 1959, não teve jeito, os caras me pressionaram e eu acabei saindo candidato a prefeito. E me elegi.

- *E esta candidatura, Sr. Beno, é o momento em que no nível estadual o PTB está coligado com o PRP. Essa candidatura, essa coligação, ela também ocorreu na esfera municipal?*

- Na esfera municipal fomos obrigados a fazer. O Doutor Alberto Hoffmann foi um dos que veio lá e eu não queria aceitar, foi uma briga, mas eu tenho até vergonha de dizer isso, porque o vice-prefeito que entrou é um homem muito direito, já faleceu agora, era um homem direito, só que ideologicamente eu não me acertava com ele, não queria conversa, mas era um... Eu sempre fui meio esquisito até hoje eu tenho... Eu penso assim e continuo pensando, não mudei politicamente, não vou mudar pensamento... E acabei... O Brizola chegou e disse para mim, me chamou aqui, ele era governador: *“Burmman, tu tens que fazer essa aliança, é melhor, eu preciso aqui, porque o Hoffmann...”*, ele era secretário, *“[...] o Hoffmann.”* Prejudica lá, porque a gente fazia política contra eles [riso] *“Não, mas tu vai ser secretário da Agricultura lá em Ijuí. É você o secretário, eu te dou isso, lá eu não decido mais nada, mas tu tens que fazer o acordo com o PRP, para vocês ganharem a eleição.”* E eu digo *“Mas nós já ganhamos antes.”* *“É, mas às vezes não damos certos”*, nós não tínhamos força até àquela altura para isso, mas eu sabia que nós tínhamos. Tanto é que chegamos na eleição e fizemos, em onze vereadores, fizemos cinco. E ganhamos a eleição com [...], fizemos oito, nove mil votos, o adversário, uma coligação: PL, UDN e nem sei os outros partidos, que fizeram quatro mil, menos da metade. Bom, três anos depois, em 62, eu já exercia o mandato, e novamente, Brizola me convocou, eu era prefeito e sempre pedia isso e aquilo... Nós estávamos fazendo uma administração boa, já tínhamos conseguido dinheiro federal, o Jango era presidente, já tinha assumido, fiz todo o processo e consegui verba, e fizemos a eletrificação rural, serviço de esgoto, casas populares, colégio... enchemos o município todo de colégios, isso aí eu tiro o chapéu, o Rio Grande é o que é hoje graças ao governo do Brizola, porque ele abriu tudo, onde havia necessidade de um colégio ele... *“Olha, pode colocar as madeiras lá, e manda uma correspondência que eu libero a verba.”* Eram cem mil cruzeiros que ele dava, para se fazerem as escolas de madeira. E se fazia e depois o professor era nomeado e ele mandava o dinheiro para nós pagarmos ele, não queria problema com as coisas assim. Criamos colégios, fizemos uma escola industrial, que é uma pena terminaram com ela. Mas era uma escola com formação técnica, era mais ou menos do estilo da Piratini, tinha curso de torneiro mecânico, eletricista, mecânico... eu sei lá, tudo quanto era profissão e foi um... fez uma formação... Eu tenho um filho que é engenheiro que estudou nessa escola, quando veio fazer vestibular depois, naquela época ele veio e depois os pais: a metade do êxito na prova para entrar na faculdade de engenharia foi tudo que aprendeu lá na Escola Industrial, aquela parte de português, especialmente a parte técnica. Eram bons professores, eram professores do estilo do Parobé aqui. Bom, aí acabei que... Houve a convenção e eu fui indicado e eu não aceitei, em maio... No mês de agosto houve uma lei lá que eles fizeram para permitir... O partido tinha um, até o dia vinte de agosto podíamos...

- *Indicar...*

- Indicar mais candidatos a deputado, desde que preenchesse as condições, e o Brizola me chamou aqui. Cheguei aqui. Naquele tempo a gente viajava de lá era... como não tinha asfalto, estavam fazendo aquela estrada... e cheguei e ele pegou as pastas e colocou todas na minha frente e disse: “*É isso que tu queres?*.” Queriam três escolas rurais, queriam três mil metros de rede de água e mais umas coisas assim para a cidade. “*Eu estou autorizando. Agora tu vais sair daqui e vai assinar a tua autorização, para ser candidato*”, eu disse: “*Eu não quero ser candidato, já tem candidato lá, nós temos o...*”, “*Não, não, esse candidato não vai dar não... É você o candidato, você é capaz de puxar a legenda...*”, que era o Egidio Michaelsen: “*E vai ser uma eleição muito difícil*”, e ele: “*Você pode ajudar o Egidio, você vai fazer isso e nós precisamos de você e tal...*” “*Mas olha, é depois de amanhã que termina o prazo, e eu tenho certidão de... meu título de eleitor, certificado de reservista, está tudo isso lá...*” “*Não, mas vai lá buscar.*” “*Mas com esse tempo como é que eu vou chegar lá?*.” “*Não, tu vai sair agora, almoça e sai.*” “*De que jeito?*” “*Tem um avião que vai te levar, o [Caleffi], já está acertado lá no aeroporto ele te leva e pronto...*” “*Mas com esse tempo de chuva?*” “*Vai pronto e tal, confirma lá com o [Caleffi].*” Ele foi tomando as decisões: “*tu tens que ser candidato*”, então saí dali, fui lá no diretório, assinei, voltei ali, fui para o aeroporto e vim para Ijuí e me tornei candidato. Faltavam quarenta dias, que ia ter que vir me licenciar da câmara, me afastar do cargo e voltar para Porto Alegre para deixar os documentos. Voltei para Ijuí em 43 dias, fiz a minha campanha. E acabei me elegendo. Fiz a campanha praticamente em Ijuí, em Catuípe arrumei uns votos, porque não tinha tempo... Me elegi muito bem, parece que o oitavo, de vinte e três deputados que o PTB elegeu, fiquei em oitavo em votação e depois o resultado daquilo foi que eles cassaram o meu mandato, porque dali a um ano e pouco...

- *Eu gostaria de voltar um pouquinho no tempo, antes de a gente chegar nesse ponto, e lhe perguntar... No início dos anos sessenta há um período bastante conturbado aqui no Rio Grande do Sul, e uma das coisas mais importantes, talvez, da política naquele momento é o movimento da legalidade, o Sr. lembra desse evento, o Sr. participou?*

- Participei ativamente, eu era prefeito quando fui informado em primeiro lugar, eu tinha saído naquele dia, e eu lembro que quando assim... eu tinha um sistema: eu almoçava, pegava o meu carro. A prefeitura não tinha carro, eu andava, fazia o serviço com o meu carro, funcionário sempre fui assim, funcionário do estado, eu nunca cobrava a diária, e todo mundo para fazer um “servicinho”, nem faziam o serviço... mas mandava cobrar, eu não cobrava. Eu fazia com o meu carro, eu queria chegar lá na casa do amigo meu e tomar um copo de vinho dele, eu ia lá e pronto, não tinha que dar satisfação, era com o meu carro, eu não admitia que

fizessem objeções a forma como eu me conduzia. E eu sempre saía a uma e meia de casa, pegava o carro e ia onde que tinha obra, ia lá ver, até porque era uma forma de, em primeiro lugar, valorizar os trabalhadores, as pessoas que trabalhavam lá, os operários, segundo, para fazer eles funcionarem, porque nós chegamos a ter mil e oitocentos homens, naquela época, trabalhando. E é brincadeira. E eu tinha que cuidar, se não todo o dia pintavam o sete lá e eu ia junto com eles. E eu saí para... Nós estávamos fazendo uma rede de alta tensão, e alta tensão eles põem para baixo para acomodar o barro. Já é um município que... Essa carreta que depois foi abrir caminho para... E fui lá, tive até um desentendimento com um cara lá que estava dormindo quando eu cheguei lá... *“Me desculpe, eu confio em vocês, vocês precisam de emprego, vocês vêm trabalhar, tem que trabalhar, vocês... Se você não for trabalhar, peça a demissão, se não você é meu inimigo, e tu vai me prejudicar e prejudicar os outros teus colegas... aí começam a falar de todo o pessoal e tu ficas sem autoridade moral.”* Cheguei lá ele estava dormindo, tinha tomado umas cachaças e tal... Aí o cara: *“Que é que houve?”* *“É, não-sei-o-quê...”* Eu disse: *“por favor, eu não quero discussão, mas vai no outro dia”,* no outro dia eu demiti ele, para dar o exemplo, até porque ele foi um dos que me pediu, disse: *“Olha, eu estou mal, eu preciso....”* Aquele lá não queria trabalhar. Mas voltei, quando eu ia chegando, veio um rapaz lá da rádio: *“Está sabendo?”* *“Sabendo o quê?”* *“O Jânio renunciou.”* Eu ri: *“Como é que é essa piada?”* *“Não, renunciou mesmo.”* *“Mas o que é isso? Então vamos lá.”* *“Vê lá que eles estão dando...”*, naquele tempo para escutar rádio daqui do interior, não era fácil pegar as emissoras, por exemplo hoje como tem a RBS, a Guaíba, não existiam ainda as potências que entravam perfeitamente. Mas eu sei que... fui lá e estava, naquele tempo tinha... Naqueles tempos tinha sido encaminhado para o congresso e ia ser votado e aprovado, foi aprovado pelo, como é? Havia o Pedroso Horta, que era o secretário do... chefe da casa civil... E Jânio já não era mais presidente. Aqui deu um... para falar por telefone com Porto Alegre, eu tinha que pedir um dia antes, para no outro dia falar, naquele tempo, depois é que o Brizola fez esse bom serviço, que foi mesmo, porque era uma vergonha, o serviço elétrico e serviço de comunicação era um fiasco, esses caras, quando eu digo que eu tenho razão de ser anti-americano é porque eles implantaram foi terrível, mas eu sei que... eu fui tentar fazer contato com Porto Alegre para saber como é que era, como era a situação. Então, seis horas, por aí, consegui falar com o Palácio, e isso com toda as transferências na telefônica ali que eram amigos da gente, e era uma ligação ruim, mas concluímos, ai o Brizola: *“Fica aí que vocês têm...”*

[Fim do lado A da fita 1]

[Início do lado B da fita 1]

...queriam dar um golpe, e fizemos um movimento de resistência, mas... logo, logo, não houve... o comandante da unidade de exército não aderiu, mais um major, e mais um outro oficial, três oficiais. Mas o resto legalidade, quer dizer, começou o movimento, e a Brigada, não precisava nem discutir e nós não tínhamos movimento sindical, mas quando eu entrei, passei a trabalhar neste sindicato, queria valorizar ele, e convoquei as seis da manhã do outro dia: *“você vão convocar, ai tinha a Rádio Progresso, convocar uma passeata na cidade a favor da legalidade e pronto.”* E os sindicatos convocaram, e aí fizemos uma passeata saímos lá da Unijuí, naquele tempo era a FIDENE, subimos toda a Rua do Comércio, e foi um barulho e uma cena que se fez. E começou o negócio, e foi formando, aí veio de Santiago, neste meio tempo, nós conseguimos contato, com outros oficiais lá, e de Santiago, mandaram aquele Osório, mandou o Major... Ferreira, não me lembro o nome dele, ele foi, depois, em 64, novamente ele estava lá, e acabou sendo.... Deram um durão nele e ele ficou quieto, porque ele já tinha me dito, depois passamos, já estava na clandestinidade, eu conversei com ele, e ele: *“Eu entro nesta briga...”*, eu passei a trabalhar para a mobilização de luta. Só que eu nunca... agora eu posso dizer porque ele já morreu. Na época eu não falava o nome dele, só dizia, *“Eu entro, mas... Pode vir duas horas antes, eu vou lá assumir o comando e boto o exército e não tem volta, é para sair dando tiro.”* Porque senão não adianta, esse negócio de escrever e telefonar não... ele morreu já era general, depois ele acabou sendo transferido, ainda era coronel, lá em Livramento e lá eu voltei a conversar com ele, e ele reafirmou sua posição. Mas ali na hora, esse Major assumiu o comando e inclusive... embarcamos materiais bélicos junto dos canhões, botaram todo o material, os canhões em três vagões, foi tudo, os soldados... e tocaram para Cruz Alta para seguir para Passo Fundo. E ali houve um movimento de pessoas para dar assistência para as famílias dos soldados, aquela coisa toda... Tudo isso eles fizeram lá, a gente convocava e o povo, foi um negócio fantástico aquilo lá, porque todo o povo ficou solidário, era tão absurdo aquilo que não tinha... Foi diferente de 64, porque ali o Jango concordou com o golpe. Não vou dizer que ele concordou, mas ele se sentiu perdido... O Jango tinha umas idéias, numa ocasião quando eu fui lá com o sindicato, ali antes da eleição, quando programava a eleição para 60... 61, para presidente e tinha saído lá um negócio, tinha lido no jornal, em primeiro lugar na preferência o Jango, depois vinha o Jânio, depois vinha o Lott. E aí eu disse para ele: *“Pô Jango”*, eu levei três líderes sindicais: *“eu vim com eles porque nós queremos que o Sr. seja ao nosso candidato à presidência.”* E ele: *“Pois é ...”* Então depois ele pediu para passar aqui, *“Burmann eu vou te dizer o seguinte, nós temos possibilidade de ganhar a eleição, não é possibilidade, nós ganhamos a eleição. Mas tem uma coisa, eu não vou assumir, eles não vão me deixar*

assumir, mas eu não tenho problema, eu tenho um avião, e eu vou embora daqui, vou para o Uruguai, para a Argentina, e vocês? E vocês? Esses moços que estão aí do sindicato, você mesmo, vocês não podem sair daqui, vocês não têm meio de ir para o exílio.” Então é preciso o Lott para segurança do Exército, lamentavelmente o Lott não se elegeu e ele se elegeu vice. Mas a verdade é que o movimento da Legalidade foi assim maciço lá, a não ser esses militares, haviam outros assim... mas não tinham coragem, era tão maciça a pressão popular era tão grande, colégios e tudo que eles não tinham coragem de: *“O Brizola é isso e aquilo.”* Não tinham coragem. Ah, não tinham porque eram capaz de pegar o sujeito e arrastar pela rua, fazer aquilo que os americanos fazem naqueles filmes, atam o sujeito e largam o cavalo correndo. Foi isso, resumindo, colégio tudo, não houve nenhuma manifestação em 64... Bom...

- *Bom, e o João Goulart, no caso, ele vai assumir a presidência só porque entra o parlamentarismo no Brasil... Então ele assume no regime parlamentarista. E logo em seguida, início de 63, ocorre um plebiscito.. O Sr. recorda? O Sr. ainda estava em Ijuí, se foi feita a campanha...*

- Não, a campanha para o plebiscito nem precisava fazer, o povo não queria o tal de parlamentarismo... Havia uma manifestação... eu fui na rádio... Comprei dez minutos da rádio; eu era um dos sócios, mas comprava e pagava para evitar o problema. Claro, faziam preços mais camaradas no horário nobre do meio-dia, mas comprei dez minutos para fazer uma síntese do que seria o parlamentarismo... e então, uma das coisas que eu não me esqueço, não me interessava ser a Rainha Vitória, essa coisa, porque nós preferíamos ter um presidente nosso que elegíamos e decidia, mas o povo, o sindicato lá não queria, fizeram reuniões, nada, não havia uma palavra a favor do parlamentarismo, mesmo os parlamentaristas, porque eles sabiam que não havia um preparo, inclusive os Libertadores, o Partido Libertador era um que era parlamentarista: *“mas como um parlamentarismo sem um Congresso.”* Aí, deu oitenta e tantos por cento de votos a favor e aí voltou Jango, que se decidiu mesmo a governar, e aí derrubaram ele. Tinha que ser mesmo. Porque não era ele mesmo, eram as forças militares, é preciso entender que aqui no Brasil, até aquela época os militares não só tinham o respaldo da lei que os protegia, virava o governo e depois ficava fora, depois de algum tempo e eram anistiados, mas havia de fato a segurança de que, se o General Fulano, se ele se insurgisse, se tivesse que vir aqui, lá fora os dólares que seguravam a família dele e ele e muita gente que ele quisesse convocar porque, era natural, era gente de confiança dele. Só que nós não tínhamos isso. Eles tinham, por essa razão, os militares estavam seguros. Sendo governo... aqui eles só perdiam as regalias que tinham nesse período em que estavam afastados, mas

continuavam recebendo o vencimento, ou seja, os que estavam no exílio recebiam em dólar, que era muito mais valioso.

- Logo que o Sr. é eleito deputado, o Sr. ainda era prefeito em Ijuí, o Sr. não assume imediatamente como deputado... Isso deu uma certa confusão aqui na Assembléia. O Sr. chegou...

- Não chegou a dar confusão. Havia o PRP, que sempre foi meu adversário, não vou dizer inimigo, mas meu adversário. E eles queriam a minha renúncia lá para assumir o vice. E os meus companheiros me forçaram, eu não queria renunciar mesmo. Eu não tinha interesse em ser deputado, fui para ajudar o partido, mas ai chegou na hora, mas também ser cassado eu não queria, depois eu fui cassado igual. Mas eu sei que chegou em outubro ali eu estava licenciado da Prefeitura. Não sei o que eu fui fazer fora, me licenciei da Prefeitura, tinha assumido o Presidente da Câmara, porque havia, era época de eleição e aí pouca gente podia assumir se não, estava impedido. E aí o Quintana, que era o líder da bancada, passou um telegrama para lá, disse que eu tinha que vir imediatamente: *“tu tens que assumir hoje, porque amanhã, eles vão entrar aí e cassar o teu mandato, nós não temos maioria.”* *“Tá, eu vou assumir.”* Eu assumi ali na hora, foi mais ou menos isso. Eu não...

- E isso seria, Sr. Beno, já em outubro de 1963?

- Em 1963, sim. Eu estive como deputado, eu assumi e dali uns dias já me licenciei, porque tinha um nosso suplente de deputado ocupando minha vaga, mas depois que começou a fazer umas bobagens aí... Para não ser preso, o partido disse: *“já que tu não tem nada, te licencia mais uns dias aí.”* Aí eu me licenciei, e neste meio tempo, veio o Orçamento, que eu já estava nisso, tinha interesse, e ali houve uma disputa. Eu não sou intelectual, para fazer um discurso tenho minhas limitações, mas em matéria de fazer contas, dois e dois eu sei que é quatro, e o Orçamento eu conhecia alguma coisa e as leis fiscais... Então veio um projeto do governador Meneghetti para alterar o IVC, que é o ICM de hoje. E... aumentando de quatro para seis por cento uma coisa assim... Eu sei que era um aumento grande. Eu me lembro que tinha uma coisa que o cara não podia mais jogar bocha, não podia vir na carreira cobrar, ver uma taxa lá... E aquilo era um absurdo para um cara do interior. Então, fui ali, voltei para a Assembléia e digo: *“olha, ele que se lixe.”* Andou brigando com a mulher agora volta e meia o cara... e o Heuser que era o líder da nossa bancada, e tinha sido secretário, disse: *“não, eu quero mesmo é que tu assumas, tu entendes disso e tu vais ter que dar palpite.”* E o deputado Delgado, que era o líder do governo, ele já veio falar comigo: *“ah, Doutor Orlando: vamos nos entender, fazer um acordo...”*, e eu disse: *“eu sou um deputado do meu partido. Vou estudar o assunto com o partido, o que o partido decidir eu vou decidir com o partido. Agora, se contrariar os interesses do povo, nem o meu partido eu vou seguir.”* A minha posição é

essa. *“Não, tudo bem.”* Ele era muito manhoso, para chegar aqui ele fazia toda essa volta [o depoente gesticula.] ele fazia umas manobras. Daí, no outro dia foi a reunião da comissão, eu já tinha, levei aquele processo todo para casa li tudo aquilo e não deu para aceitar nenhum. Não tinha nada para aceitar, aquilo era tudo aumento, aumento, aumento... Fui lá e... Queriam dar um palpite lá, fazer o parecer e eu fiz, um parecer bem resumido: *“está aqui o meu parecer agora eu vou explicar pessoalmente o por quê.”* Voto para que sejam rejeitados todos os projetos tal, tal, tal. E vou explicar que é isso, é só aumento de imposto... Aí veio o ... *“Não...”* Que eles faziam que era uma alteração para melhorar, ia diminuir o imposto. Eu digo: *“Olha, o Ari Delgado, deputado, por favor [riso], quatro e dois, seis”* ou era dois para quatro, eu não me lembro a tal lei... *“É isso?” “É.”* Então isso é um imposto de cem por cento de aumento, cinquenta por cento de aumento, alguma coisa assim. *“E este imposto aqui, o senhor que é um homem da zona da campanha, então como é que vai se explicar para esses peões, esses trabalhadores rurais.”* Esses que gostam de jogar osso, que gostam de jogar bocha, que gostam de jogar carreira, ele está fazendo essa diversão domingueira dele, eles vão ter que, primeiro, tirar licença, pagar não sei quanto, eu não sei... que não lembraram que para jogar futebol, não colocaram tal licença. Mas tem isso. Se um clube quiser fazer um baile, depois para comemorar a vitória, tem que ter a licença e pagar a licença, nós vamos virar um país de licença, e não era um valor insignificante, mas para um camarada que ganha um salário de fome, qualquer coisa tira. E aí os caras não-sei-o-quê olham e tiram. *“Olha eu sou contra”*, e aí suspenderam as urnas, falaram e eu saí da mesa. Sabia que... dali a pouco veio o Heuser lá: *“Burmman, vamos, não pode ser assim.” “Se não pode, não posso ser deputado.”* E ficou. Dali a três ou quatro dias o Meneghetti foi com todo o governo dele para Ijuí. Porque o governo estava nas mãos dele, não é? Porque o vice foi feito lá no sindicato a reunião e eles foram lá, levaram as lideranças sindicais, os pelegos aqui, e foram lá e diziam que era uma lei que para favorecer os trabalhadores querem isso, querem aquilo... Eu não fui lá. Mas sabia que eles iam.... O chefe da Casa Civil era o... aquele que era do Partido Comunista, foi diretor da Tribuna, Tribuna... Popular? era o jornal do PC...

- *Tribuna Gaúcha?*

- Não, não era o Tribuna Gaúcha... puxa eu me dava bem com ele, vivia me procurando, então ele chegou lá em Ijuí, e a primeira coisa que ele disse chegou lá, eu estava na minha casa, no escritório ali e veio lá: *“oh, Burmann eu vim te cumprimentar, nós vamos fazer uma coisa [contra], vou conversar contigo lá, gostaria que tu estivesse lá, tu é uma pessoa esclarecida.”* E, eu falei: *“então tá bom, vou ver se vou lá”*, mas não fui. Mas foram os caras do sindicato, foram lá e conversaram, e eles conversaram, e daqui a pouco, vieram dois caras do sindicato. *“Estão te ripando lá, dizendo que você é isso, que é aquilo, e que essa*

lei vai nos ajudar uma barbaridade, vamos comer carne todos os dias de graça”, [riso]

Porque eu tinha feito um discurso dizendo: *“eles querem dizer isso, mas vocês não vão comer nem um garrão mais.”* Aí eu digo: *“tá eu vou lá.”* Fui lá, me vesti, quando cheguei lá, estava um cara lascando o porrete, terminou o discurso mandou um cara: *“tenho o prazer de convidar aqui à Mesa, um deputado aqui da região, uma liderança.”* Me fez um mundo de elogios: *“um homem que tem influência junto aos trabalhadores, que poderá nos dizer alguma coisa sobre isso.”* Mas eu fiquei, *“Como é que eu vou sair dessa?”* Mas eu fui lá. *“Eu vou ser curto e grosso, não vou agradar, mas não posso fugir à minha realidade. Eu acho que eu não sou a pessoa para falar neste momento aqui, pois é uma reunião em que o governo defende a elevação de impostos e a criação de outros impostos. E eu sei que o povo está contra, especialmente os sindicatos que são os mais atingidos, porque os trabalhadores ganham salários mesquinhos.”* E olha que naquele tempo o salário mínimo valia dinheiro, comparado a hoje. Então, *“eu vou dizer que nós estamos discutindo um aumento de impostos e a criação de outros impostos, que não vai resolver o problema do governo, mas vai atrapalhar a vida de toda a sociedade, das pessoas do interior, dos que vão fazer uma reunião, dos que vão fazer um baile, fazer uma festa, tem que pagar uma taxa se não, não pode sair a reunião, tem que vir para a cidade.”* E encerrei, agradei, não falei mais, sai para o lado e vim embora. O que, que eu ia fazer? De qualquer forma, depois quando veio o golpe, quando anunciaram que iam cassar os deputados, saiu o meu nome na Folha da Tarde, onze deputados estaduais que seriam cassados, e eu estava entre os onze, e depois tinham mais deputados federais, prefeitos, vereadores, professores, era uma infinidade... Veio o Ato nº 1, e Castelo Branco tinha assumido, ele mandou aquele deputado... como é que é o nome dele?... lá de Santa Maria, era vice-presidente da Assembléia, muito meu amigo, ele me tratava muito bem, era do PTB depois foi para o MTR, do grupo do Ferrari, e insistiu comigo esteve já me procurando, quando aquele dia, eu já sabia que ia sair, fiz um discurso meio **louco** [riso] na Assembléia tinha aquele negócio, depois vinha para você, corrigir e suprimir aquilo que estava [...] veio lá, eu não entendia direito, [...] já tinha assinalado. *“Vocês já retiraram, está bem. Eu não quero, não vou corrigir nada, eu quero intacto como está, tudo isso que eu disse.”* Chamei os caras de traidores, coisas assim, que não era verdade mesmo, porque esses coitados desses deputados não tinham nem gabarito para trair um país, quanto mais... mas disseram bobagens, dizendo que eu estava a serviço de Moscou, colônia de Moscou, fizeram uma coisa, que não cabe hoje falar porque está superado, mas eu saí da Assembléia depois daquilo fui para o meu apartamento, - Heitor Campos, agora me lembrei o nome dele - *“Oh deputado, tu és um teimoso alemão e burro, estúpido”*, dizia ele. *“O Sr. está querendo enfrentar os caras assim de ‘faquinha’ e eles de metralhadora na tua frente, e tu achas que*

vai vencer eles, não adianta isso, eles vão cassar você, mas eu vim aqui com uma proposta do Chefe da Casa Civil.” Ele me telefonou: “quer falar contigo.” “Mas o que, que eu quero...” “Não, tu vai lá, eu vou lá contigo, e o Meneghetti tira você da lista.” Eu digo: “mas o que é que isso vai custar para mim?” Entre a minha dignidade e o meu mandato de deputado, eu fico com a minha dignidade, não tenho... não sou homem para aderir e não vai ser agora que eu vou trocar para evitar a cassação. “Mas não é só isso, vão cassar você, vão te prender, você vai sofrer.” Naquela noite já tinham prendido aquele lá em Pernambuco, Gregório Bezerra, tinham arrastado ele pela rua, tipo aquelas coisas de americano, pegavam o sujeito amarrado na frente e saíam. “Tu viu aquilo lá em Pernambuco, eles vão fazer isso aqui...” “Doutor eu agradeço, mas não faço isso, daí eu tenho que me mudar lá de Ijuí, com toda a família e ir lá para ..., nunca mais vou voltar lá, porque como é que eu vou enfrentar aquele trabalhador, aquele operário que sempre confiou em mim. Eu saio de lá e eles vão continuar perseguindo, vão esculachar os caras, vão prender...” “Não, mas não é assim.” “É sim.”

- Mas o Sr. comentou que havia possibilidade de retirar o seu nome da lista, quem elaborava esta lista, isto dependia de quem?

- Aqui no estado era o governador. É claro que o Exército era submetido, mas o Exército, se o governador, o exército: “está bem”, eles não queriam, o Exército naquele momento ainda não estava entusiasmado, porque esse Exército tinha uma noção de legalidade muito grande, eles foram em 64, é preciso entender que na noite do dia 2 para o dia 3, eu fui no quartel, porque à noite, uma hora, duas horas, entrei lá e estavam todos dormindo, estavam a quartelada, eu fui entrando, passando por cima. Até depois houve um episódio lá, eu disse: “se eu estivesse pensando matar vocês, tinha matado todos naquela noite, vocês estão dizendo, que iria correr sangue, não iria correr sangue aqui.” Eles eram legalistas os oficiais até o Comandante era legalista, a senhora dele era muito amiga da minha senhora, era daquelas mulheres “conversadeiras”, que vinha lá fazer elogios, “Que você é o maior prefeito que eu conheci até hoje”, quando vinha com uma conversa assim eu ficava com medo que a mulher desconfiasse. Mas ela era uma mulher assim expansiva. E o comandante, com isso, vinha nos visitar, eu não gostava muito de visita de gente assim, mas tudo bem. A verdade é que eles eram legalistas, e não tinha problema nenhum, se o Jango tivesse resistido, aqui no estado iria dar muita briga, mas se venceria, porque o povo ficaria do lado do Jango, e aquele soldado que tinha mãe e pai, como é que iria matá-los. E por isso eles não iriam contrariar o governador, depois é que o governador passou a não valer mais nada, eles mandavam² e pronto. Mas ali de início, era o governador que mandava. O Meneghetti era um sujeito íntegro ao menos eu sempre tive ele como um homem direito, tem que respeitar uma pessoa assim.

² Os militares

Ele podia ser deficiente como homem para executar as coisas, mas era um homem correto, direito, certo, honesto.

- *O Sr. chegou a participar dos chamados Grupos dos Onze? Como funcionava e que tipo de articulação tinham esses grupos? Eles tiveram bastante influencia?*

- Não tinham nada daquilo que diziam, forças paramilitares, isso que falam na [...], porque era preciso entender que, eu por exemplo, via assim: o PTB na época tinha uma posição, mas eu achava o PTB muito limitado, muito medíocre, muito... não tinham aquela ênfase, tinha que ser em cima do governo e o PTB tinha sempre um deputado eleito, veja bem, eleito não de hoje, hoje qualquer partido arruma cem deputados, porque compra os caras, elegem dez, depois arrumam noventa antes de assumir. Mas o PTB, eu achava ele muito frágil, na forma em que eu queria. Eu queria que o partido reunisse, fizesse um congresso, decidia: *“é isto”*, e quem não votar é expulso do partido, e liquida. Porque naquele tempo o cara perdia o mandato do PTB não tinha mais vez política aqui no Estado, quantos camaradas que saíram do PTB não se elegeram mais. O trabalhismo era forte e tinha a idéia. O trabalhador era, eles diziam: *“eu sou trabalhista porque eu sou trabalhador.”* Lá em Ijuí naquele tempo existia a vila São José, que tinha um frigorífico com mil e tantos trabalhadores eram tudo trabalhistas, a nossa vingança nas eleições, lá com o PRP, porque eles tinham a zona rural, que era de maioria absoluta deles, mas também que nós entrávamos nas vilas de Ijuí, na vila São José tinha duas urnas... quando vinham aquelas urnas lá, eram trezentos eleitores, duzentos e oitenta do PTB, era assim, só votavam os caras que vinham lá chefiando a urna, os fiscais, o resto que era eleitor dali era tudo trabalhista. Na ocasião, um senhor numa eleição, um trabalhador que não estava bem economicamente, mas já possuía uma casinha, já tinha comprado a casinha dele, e quis melhorar de vida e os caras ofereceram para ele, e ele aderiu. E encheram a casa dele toda de propaganda. Que eles não tinham ninguém lá, botaram propaganda em roda de tudo, eles deram dinheiro para ele, eles sabem que deram, ele mesmo disse lá para o cunhado, porque ele tinha a incumbência de arrebancar gente, foi na casa do cunhado, para ter uma idéia de como era, o cunhado correu ele de lá: *“você não pisa mais aqui na minha casa, você não é meu parente, não é nada, você é a minha vergonha.”* E chamou a mulher: *“fala para este teu irmão que foi a última vez que esteve aqui, aqui ele não vai pisar mais”*, e a mulher disse: *“você está sendo a desgraça da nossa família”*, e não cumprimentavam mais ele, era assim o procedimento. Eles tinham noção de que o PTB defendia os interesses dele, e **nós defendíamos mesmo**. Mas não tinha, o prefeito, quando foi nosso, defendia os interesses, tinha lá um interesse daquela vila e iria fazer porque defendia os trabalhadores, essa era a diferença, que depois os partidos..., a verdade é que eu ali em 64 estava brabo com o Jango, estava mesmo, eu achava que o Jango..., e começou com aquela

coisa depois, que a gente não esperava, depois eu fui descobrir que o Jango ainda era ótimo. E hoje eu descobro que todo o PTB da época, que o Jango e toda essa gente era excelente em comparação a esses governos que estão aí, são umas pessoas que não... o nosso companheiro Lula está sendo.

[Fim do lado B da fita 1]

[Início do lado A da fita 2]

- ... eu sempre digo isso, se eu fosse presidente era assim: *“a situação do país é essa aqui”*, chamava lá em um Centro Esportivo, um ginásio desses, trazia lá todos os generais, almirantes, brigadeiros, deputados, senadores, juizes, desembargadores, todos esses caras lá e: *“a situação do país é essa aqui. Nós temos que sair disso e para sair temos de fazer isso, e se tiver alguém aqui que está contra tem de se manifestar agora, senão vai ser considerado traidor [...] se acha que temos de fazer isso, temos de nos unir e fazer.”* Pronto, aí não tem necessidade de ter maioria, a maioria vai sair ao natural. O Lula começou bem e teria firmado, mas depois ele cedeu, a pressão é tão grande lá que eu fico com vergonha. Eu tinha tanta esperança, eu ainda dei um ano e meio, até junho, *“não, vai mudar”*, não acho que esta gente que está aí... O poder é uma coisa que deslumbra a pessoa, estou dizendo porque eu vivi este problema, só que eu nunca gostei do poder. Não gostei. Troco todo o poder que pudesse me dar por um cafezinho. O cafezinho ia saciar o meu paladar. Bom, não sei mais o que... tenho tanta coisa mas não quero atrapalhar vocês.

- Logo depois da intervenção dos militares em seguida tem a cassação de um deputado que é o Marino dos Santos, foi o primeiro cassado. Como se deu a reação dos deputados no momento em que a primeira...

- Eu não tinha um relacionamento pessoal com o Marino mas fui um dos que [...] *“qual é o crime do Dr. Marino?”*, que ele era médico, *“qual é o crime dele? É ideológico? Mas ideologicamente, eu não sei, mas isso me parece que não existe esse crime em país nenhum tem. Como é que vão fazer isso, criatura?”* *“Sabe como é Burmann, você é muito revoltado.”* *“Mas eu estou revoltado, é por isso [...] que [...] se for por isso eu fico feliz, porque desse governo eu não vou participar nunca!”* Prenderam. Bom eu vou agora citar quando foi da cassação. Me cassaram no dia sete de maio [...] isso aí eu memorizei, saiu no Diário Oficial. Eu ia sair daqui, meu apartamento era..., era Corpus Christi, era feriado, então eu saí cedo, as sete horas, para tomar o avião para Ijuí. E cheguei lá e o [delegado] *“Não!”* *“Porque?”* Eu já tinha ouvido qualquer coisa mas não tinha lido o jornal, eu vi o jornal longe.

Foi para lá a lista. *“Que lista?”*, *“o Sr. é cassado militar”*, chamou o cara da polícia: *“é o Sr. não pode embarcar, se o Sr. quiser embarcar nós vamos lhe prender. O Sr. é deputado mas nós lhe prendemos, se o Sr. for embarcar nós lhe prendemos!”* Então não insistimos e voltamos para o apartamento e fiquei tentando falar com uns companheiros... Aquelas alturas eu já estava pensando em fazer alguma coisa, já em Ijuí eu tinha feito contatos com militares que estavam na ativa, que pensavam como eu pensava e começamos a formar uma organização de resistência. E já disse: *“eu sei que vou ser cassado e vocês possivelmente também vão ser atingidos. Então não adianta nós querermos nos preservar.”* Eu tive proposta para salvar o meu mandato, mas não vou salvar meu mandato a troco das minhas idéias e muito menos ver pisoteados os meus companheiros. Então, sei que voltei e fui para a Assembléia na quinta-feira, na sexta-feira não tinha nada lá, mas na casa do deputado Wilson Vargas houve uma reunião, me telefonaram para eu ir lá, eu fui lá e aí ficaram: *“isso e aquilo... Fazer o que?”* *“Não sei o que vou fazer, eles tem de cassar na Assembléia.”* *“Pois é eles vão cassar só na segunda-feira.”* O Wilson Vargas, o Quintana... Eu sei que fomos para a Assembléia no outro dia e ficou acertado que seria mantido o mandato para segunda-feira. Segunda-feira, o Cândido Norberto era o Presidente, ia ler o decreto.

- *Não era o Solano Borges nesse momento?*

- Não, não, era o Cândido Norberto sim.

- *No ano de 1963 era o Cândido Norberto.*

- 1964 foi.

- *Aí já era o deputado Solano Borges.*³

- Então não sei, sei que lá se discutiu e falou e ficou para segunda-feira. Aí reunimos lá na sala da presidência, todos os deputados, e o Ary Delgado, que era o líder do governo, *“fazer o que?”* Eu sei que decidiram lá que todos os deputados cassados sairiam ali dá Assembléia juntos e iriam a Chefatura de Polícia, ao Chefe de Polícia se apresentar. Eu vi aquilo e perguntei: *“mas escuta aqui o que vão fazer lá, eu não vou!”* *“Porque?”* *“Não vou não, o que é isso?”* Aí o cara insistiu: *“olha, não matei ninguém, não roubei, não fiz nada errado. Chego lá o Chefe de Polícia olha para mim e diz: ‘o que você quer aqui?’ Eu vim me apresentar aqui porque cassaram meu mandato.”* *“Então tu és criminoso para estar se apresentando aqui.”* *“Aí eu vou pedir que ele me prenda.”* Aí veio o Ary Delgado, o Heuser, falar comigo, *“é melhor você se apresentar...”* O Heuser não era um tapado. *“Talvez você pense nisso aí, ser solidário com os companheiros.”* *“Não é solidariedade nada, é solidariedade à violência que eles estão cometendo. Eu vou concordar com eles e fazer os*

³ O Deputado Cândido Norberto dos Santos (MTR) foi o Presidente da Mesa Diretora no ano de 1963 e Francisco Solano Borges (PL) no ano de 1964

outros companheiros levar junto. Eu não vou levar eles mas vou junto com eles e estou solidário. Não estou solidário, meu mandato não pode ser cassado, estou contra.”

Discutimos ali e eu insistindo, peguei e me retirei e fui lá para... Aquele tempo a sala dos deputados, tinha só parece que seis assessores, hoje cada deputado tem oito, dez, não sei quantos, mas tinha seis toda a bancada. Eu fui ali para a bancada e veio um funcionário lá e “o deputado o que o Sr. está...” “Eu estou procurando...” “O que o Sr. vai fazer!” “Eu quero arrumar um documento mudando o meu nome aqui. Um nome frio porque eu não vou me entregar para esses caras. Vou entrar na clandestinidade. Agora tu tens de saber disso, eu estou pedindo silêncio para você. Você não faça bobagem que eu te encontro contigo lá na ‘curva’ e te liquido.” “Não, não eu vim aqui porque estou contigo.” “Olha eu quero um documento, uma Carteira de Identidade.” “Olha, eu tenho, até um Título de Eleitor”, porque naquele tempo o Título de Eleitor não tinha fotografia. “Eu tenho um formulário aqui.” Peguei, bati na máquina, com um nome que eu inventei. O nome era Osvaldo, que botava o nome parecido para facilitar, Osvaldo Birmann, ou coisa assim, para eu não me atrapalhar na hora de escrever [...]. Botei aquilo no bolso e “agora tu não vais saber esse meu nome, e é com esse nome que eu vou.” E ao sair dali ele disse, “olha, estou contigo, se tu precisar de mim, qualquer coisa.” Saí, fui para o meu apartamento e lá fiquei, segunda-feira eu não vim para a Assembléia porque já estava na casa de um companheiro que me recebeu lá, porque eu não podia sair daqui de Porto Alegre, eles não me deixavam sair. Fiquei dez dias na casa desse companheiro e depois que começou, houve um problema lá na Secretaria da Fazenda, foi aquele Capitão Sommer, Azambuja Sommer, uma coisa assim. Ele era um cara daqueles, até [...] depois foi cassado [...] sempre digo o cara que faz coisas... Ele foi lá, foi lá pedir a minha fotografia, pedir o endereço, e o colega: “nós não temos o endereço dele. O endereço dele é do interior. Ele é deputado mas aqui ele é funcionário e está afastado, está licenciado. O endereço dele é [...], os senhores tem lá.” E aí, para mostrar o poder dele: “[...] vou prender este cara e se ele se bobear nós vamos matar ele.” Ele é acostumado a fazer isso, tantas vezes que os caras [...] tinha uma senhora lá que era irmã do motorista que tinha me conduzido, ela sabia que ele era meu amigo, e nós achávamos que ele [o Capitão] tinha contato porque ele chegou lá e foi na casa dele e disse: “aquele deputado que é teu amigo estamos procurando ele e se encontrarmos vamos dar uma rajada de metralhadora nele.” O Capitão Sommer, com metralhadora e fez isso para todo o lado. “Eu boto essa minha”, era INA a metralhadora naquela época, “boto minha INA e descarrego uns quinze tiros e boto mais trinta tiros e não vai sobrar nada desse cara. E assim avise ele que ele não saia, ou, se ele está aqui em Porto Alegre, se cuide.” E ele veio lá, e como tinha chegado gente por lá, eu resolvi sair dessa casa. “Não, é melhor sair, chegou muita gente ali.” E fui para a casa de um outro e lá fiquei. Fiquei

dez dias, e no décimo primeiro dia eu saí de Porto Alegre. Peguei dois carros dos meus amigos, um carro Galaxie daqueles antigos, aquelas banheiras, e uma caminhonete Rural. Saímos dali porque a barreira do Exército, policial, era ali junto da ponte na divisa de Porto Alegre com Canoas. Mas estavam falando que já tinha abrandado e a gente não sabia como estava funcionando. Então, *“você vai com o teu carro, e outro camarada na frente, e chega ali, pára, e se eles pedirem o documento do teu companheiro ele sinaliza, na trava do carro, dá o sinal na luz e já sabe que eu não posso ir com o carro.”* E eu fiquei a uns trezentos metros, aí eu desço e vou para dentro e a caminhonete vai para lá e eu vou lá dentro, e foi o que eu fiz. Quando deu o sinal eu desci, atravessei e subi nos trilhos, da Viação Férrea, ainda tem hoje a ponte ferroviária ali, e caminhei por ela. O motorista da caminhonete me deu uma maçã, *“me dá uma maçã aí que eu vou”*, parei na ponta, sentei um pouco, fiquei comendo a maçã [...] andei mais um pouco, mais uns quatrocentos metros, e vim embora. Foi assim que eu saí de Porto Alegre. Eles nunca desconfiaram, mas saímos daqui, adiante tinha a Polícia Rodoviária, mas só examinaram e não tinha nada. Porque o estado, é preciso entender, o estado, naquelas alturas, não tinha [...], porque a Brigada, quando podia, ajudava a gente. Tive casos assim mais de uma vez. E os caras no Exército... tinha os meus amigos, uma vez eu vinha depois de Palmeira, lá adiante, um município daqui, então um companheiro lá que teve preso comigo, fui ver se aliciava ele para luta, depois vinha voltando de noite, saí passei por Palmeira cruzando para Ijuí. Ali naquela altura, eu não esperava isso, tinha uma barreira do Exército. Só olhei assim, e o sub-tenente que estava chefiando aquilo: *“como é que está? Está viajando?”* *“É estou viajando”* [...], tudo bem, ele fazia parte do nosso... clube militar. *“Não encontrou... está tudo bem aí? Não encontrou o tal de sargento Alberito, conhece?”* *“Não, não conheço”* *“Ele anda por aí fazendo bagunça, andou dando uns tiros por aí.”* E ele tinha feito isso mesmo, era um criador de bronca. *“O Sr. vai para onde?”* *“Eu vou...”*, não quis dizer que ia para... *“vou para Cruz Alta.”* *“Então o Sr. se cuida que ele deve andar nessa zona.”* Estava ele ali, com outros militares, mas ele que veio ali. *“Então o Sr. não passa por que se estiver ele, ele é capaz de lhe tomar o carro, de prender, de matar e tal.”* Fez um estrupício bem grande, me liberou e eu vim embora para Ijuí. Havia um local ali que eu chegava de madrugada, tinha uma casa que eu ficava lá.

- *Quanto tempo o Sr. ficou em Ijuí?*

- Eu fiquei em Ijuí, de início, uma semana só, aí me levaram de caminhonete dali até Lajes, de Lajes eu fui para Curitiba, de Curitiba eu fui para São Paulo e de São Paulo eu fui para Campinas. Lá eu tinha uma afilhada minha que tinha um hotelzinho e lá fiquei uns dias até me aclimatar, depois passei a andar por lá, visitar alguns nomes que eu tinha registrado, inclusive em Santos. Eu fui lá com a idéia de encontrar um major, que eu sabia que estava lá,

no negócio do serviço antiaéreo, e que era muito meu conhecido, amigo de futebol lá de Ijuí. Mas depois que cheguei fiquei sabendo que ele era daqueles gorilas [...]. Aí fui para Santos procurar um outro camarada que também não estava lá. Aí voltei para São Paulo, onde tinha militares que haviam sido cassados, não eram cassados, eram alijados do Exército, continuavam mas não tinham mais poder. Depois fui viajando naquela zona ali tentando fazer alguma coisa e lá fiquei, de maio até agosto. Fim de agosto voltei para o Rio Grande. E lá virei até mascate e tudo, eu tinha de viver de alguma coisa tinha muito pouco dinheiro. Um dia eu vi um negócio que tinha umas blusas felpudas, cardadas. E depois que eu fui para o Uruguai botamos uma malharia, cardava aquilo e ficava bem peludo. Estava lá aquele negócio e eu fui lá e: *“quanto é que custa?”* Três cruzeiros ou coisa assim. Comprei. Pensei assim: *“mas não é bom esse preço.”* Perguntei para o cara: *“como é?”* *“Vendo bastante disso aqui.”* E eu perguntei: *“a gente pode vender?”* *“Compra aí e vai vendendo, tu tens cara de bom vendedor”,* e olhou para mim. *“Pois é, quem sabe.”* *“Tu és gaúcho, né?”* Porque eles nos conhecem, não adianta, nós somos gritantes. *“Em tal lugar tem uma loja, tu vais lá e compra, mas tem de comprar pelo menos seis.”* Fui, comprei, botei ali e em meia hora já tinha vendido tudo, fui lá comprei mais uma dúzia, vendi e já chegou a noite. No outro dia eu voltei a vender, fiquei lá o dia todo vendendo depois me fui para onde eu queria, porque eu digo *“daqui a pouco vem o cara que me conhece e me encontra aqui e aí não dá.”* [riso] E assim fazia de tudo, tinha que dar um jeito de ganhar para sobreviver, porque eu, apesar de deputado não tinha dinheiro. Sempre fui um político mau político, o dinheiro que eu recebia voava. Quando eu ia terminar o mandato... Se eu iniciava o mandato com dez, chegava no fim do mandato tinha dois ou três. Ou outros... vejo gente que é milagroso o dinheiro deles, quando vê estão com fazenda, com isso, com aquilo, com apartamento. Eu só tinha um apartamento que comprei em 1947, ainda era solteiro, era o único que tinha aqui. Tenho agora um apartamento que comprei porque...

- *E a sua família foi junto para o Uruguai quando o Sr. foi?*

- Não, para São Paulo eu fiquei lá depois a mulher foi lá. Mas não vi jeito e fins de agosto voltei para o Rio Grande do Sul. E aí foi quando eu fui para o Uruguai, mas fui por Uruguaiana, não sabia e tal. Em Uruguaiana, tinha um capitão de lá... tem a ponte do Rio Jaguarão, *“se tiver normal tu atravessa, senão tu tens de atravessar pelo rio.”* Era verão, agosto ou setembro, fui lá, mandei a minha, sempre viajava com uma pastinha junto, com as minhas coisas, roupas, documentos era só aquele meu documento que.... atravessei, mandei pelo automóvel, e passei de barquinho. Estava fria a água, não vou me meter na água. Peguei o barqueirozinho ali, *“eu quero dar uma olhada no rio, tem peixe aqui?”* *“É tem e tal.”* Ele não queria dizer que tinha medo que eu... *“estou com idéia de vir pescar.”* *“Isso pode ser,*

vamos descer um pouco aqui depois subir aqui.” Desceu um pouco subiu ali, foi pro outro lado, quando nós voltamos já tinha o tal do cônsul, como chamavam nosso companheiro. Fui lá estava minha bagagem e depois eu fui para Montevideú, me encontrar com o Brizola. Isso foi dia 1º de setembro, se não me engano, que cheguei em Montevideú. E aí, já quando eu fui para lá já tinha um bocado de gente aliciada, militares dos municípios ali da região já tinham... Falava contigo aderiu e tal daí indicava ele, ia lá falava, indicava mais dois e assim ia fazendo. Especialmente busquei contato com os militares, sabia que pessoas ideologicamente diziam que isso era quartelada, então quero fazer uma quartelada mesmo, essa que nós tomamos conta do Exército e temos o poder na mão e aí depois vamos estabelecer o que nós queremos. Essa gente que eu falava, eu já dizia: *“vamos fazer um plano de governo, esse plano de governo vai ser discutido por regiões que vão ter de estabelecer os pontos básicos que nós temos de agir.”* Já estávamos fazendo programa de governo e nunca chegamos a eclodir o movimento. Porque houve tentativas, aí que veio aquela guerrilha de Tenente Portela, aquilo foi...

- *Coronel Jéferson?*

- Aquela eu vim de Montevideú com a incumbência de impedir que ela eclodisse. Lá tinham diversos companheiros com que eu tinha conversado, que estavam prontos para entrar para luta, mas iam sair sem nada. Eduardo Alberi e o coronel...

- *Não era o Jéferson Cardin? Cel. Jéferson?*

- É o Jéferson sim, não conhecia ele, depois de muitos anos ele veio lá na minha casa [com o dinheiro]. Aquela ocasião eu fiquei por conta porque acabei sendo preso depois em razão daquilo. Mas, eu saí de Ijuí para Catuípe de carro para ir lá onde eles estavam e o meu carro estourou. Era uma e meia da manhã arrebentou a roda dianteira e caiu a roda. Fui a Catuípe arrumei uns amigos ali, eles foram lá pegaram o carro e eu voltei no carro de um outro companheiro para Ijuí para ficar lá na chácara. No outro dia eu voltei num carro que me deram. No outro dia amanheceu o movimento lá. Se eu tivesse ido, não tivesse acontecido, por isso que eu digo, eu tenho uma estrela muito boa um “anjo da guarda” que me protege. Tanto nós fizemos que... eu sou um pouco místico mas sou especialmente religioso. Acredito em Deus, não é que eu acredite, eu tenho certeza de fato que... não posso negar, se eu negar sou um safado, sem-vergonha, um burro. Mas eu sei que eu voltei, de manhã estava lá e daqui a pouco chegou um sargento, soube que eu estava lá: *“iniciou a luta. Como é que é o negócio?”* *“Pois é, eu tinha falado com eles que...”* *“E agora, o que nós vamos...”* *“Fiquem quietos, vão lá para o quartel e não se mexam, porque isso aí não vai dar certo. Isso aí não fizeram nenhum acerto lá de Alegrete, de Santiago, de Porto Alegre, de tudo, com o 18, 19, tudo sem ser avisado.”* Ninguém queria assim, eles queriam o movimento nas cidades,

levantar e dominar as cidades. E era isso que nós pregávamos. Eu não sou militar, não sou estrategista, mas eu deixava vocês [...]. E aí deu no que deu, e aquilo foi muito ruim para nós, porque dali em diante eles me entregaram e minha fotografia primeiro entrava nos quartéis. Passei a ser vendedor de consórcio. Iniciou ali depois do golpe, iniciaram... os militares ganhavam, um capitão ganhava 180 reais e passou a ganhar 480, uma coisa assim. Então sobrou para comprar um automóvel. Eu bolei aquilo lá em São Paulo, antes de voltar aqui para o Rio Grande [...] e fui lá me candidatar. Aí tinha de fazer um treinamento, fui lá fiz uns testes e dali a pouco o cara me chamou. [...] Olha seu Osvaldo, não me lembro o outro, era um nome com “Br”, sei lá o que, era um... *“Nós lhe chamamos aqui e queremos ver se o Sr... o Sr. já fez a prova aí e o Sr. está aprovado. Queremos ver se o Sr. não quer assumir um negócio no Paraná”* *“Não em princípio quero... não quero assumir nada, eu quero trabalhar mas quero ter liberdade, possivelmente quero ir para o Rio Grande, conheço muita gente lá.”* *“Pois é, eu sei que tu és gaúcho.”* *“Por isso mesmo, lá eu tenho chance de vender.”* Aí falou e tal e eu [...] dali a dois dias eu fui lá e *“estou pronto eu quero viajar.”* Cheguei lá, ele me deu uma quantidade de panfletos e daí eu chegava nos quartéis entrava lá: *“quero falar com o major fulano, o tenente beltrano, o sargento beltrano.”* E perguntavam: *“o que é que houve?”* *“Estou vendendo consórcio, quero falar com...”* Estes caras que eu pedia o nome, eu já tinha conversado, sabia quem eram os caras. Até que um belo dia encontrei, no Paraná, em Ponta Grossa, um cara foi lá, queria falar com o sub-tenente, ele não estava, e veio o comandante da guarda, um tenente e gostou do negócio e queria ele ficar representando lá. Que situação! *“Ele pode, vou vender vou deixar para ele e tal, mas eu tenho mais chance do que ele, sou tenente.”* *“Tudo bem tenente só que eu já falei com ele, sou homem que dei minha palavra e agora não posso fazer isso.”* Virei fui saindo, e aí veio o sargento e digo [...] *“ele vai te ‘xaropear’, ele queria ser teu concorrente para vender automóvel.”* [...]

- O Sr. foi preso... em que condições isso aconteceu?

- Eu fui preso logo depois que houve esse problema do Jéferson e do Alberi, quando houve o negócio lá eu estava em Ijuí naquela noite, como disse queria até ir para lá, fiquei uns dias e aí depois, a gente ficava longe dos familiares, amigos [...] vim embora para Porto Alegre. Tinha um apartamento ali, tiveram diversas vezes lá nunca tinha ninguém, desistiram... Nesse meio tempo houve... estiveram lá uma hora: *“parece que eles vão vir aí no teu apartamento te visitar.”* Era um tenente da Brigada, então eu peguei e sai para a praia de Mariluz. O [Marluto] era o dono da praia. Eu já tinha estado lá levando um sargento que também tivera problemas. Deixei lá na casa do capitão da Brigada e me relacionei com o dono do hotel de lá e estava bem. Me indicaram e eu fui para lá. Cheguei lá queria falar com o [...] e já tinha combinado *“quando vier aqui eu venho para comprar dois terrenos que você me*

mostrou e pronto. É isso que eu vou dizer se vocês [...]” “É isso mesmo.” Combinamos. Eu chego lá e ia comprometer ele se... Aí ele não estava, falei com o dono do hotel *“posso ficar?” “Pode se hospedar aí, ele deve vir amanhã ele está vindo aí.”* Fiquei ali. No outro dia de manhã saí, eram oito e meia, tomei café oito e meia por aí e sai a caminhar. Aproveitar para caminhar bastante e tomar sol. Estava um dia lindo de abril. Um dia lindo, lindo!

[fim do lado A da fita 2]

[início do lado B da fita 2]

- ... lá na casa do capitão mas quando cheguei e fui tocar na porta notei que, peguei o trinco, alguém trancou e quando eu entrei já chegaram dois de lado e me agarraram, me prenderam. Mas eu não fui preso por subversivo, fui preso como grande falsificador. Um alemão famoso, na guerra, ele falsificava libras esterlinas na Alemanha e os alemães, com seus aviões, inundaram a Inglaterra com isso. E dali a pouco eles não sabiam o que fazer. Era tão perfeita aquela falsificação que eles não podiam distinguir da libra esterlina real. Esse camarada andava pelo Brasil e estava num hotel e tinha falsificado *Travel* cheques, tinha inundado lá, e os caras foram lá tentar pegá-lo e ele desceu pela escada de incêndio e fugiu. A informação que a polícia tinha era que ele teria vindo rumo à praia, depois de “bater” de tudo que era lado teria saído de carro para a praia. Eu estava lá nesse hotel com um carro sem licença, sem placa. Era de um sobrinho meu, que me vendeu, para esse nome suposto que eu tinha, e legal, para viajar não tinha problema naquele tempo, o cara autorizava. Já tinham entrado lá, já tinham pegado minha carteira, tinha uns documentos ali, tinha dólar, tinha pesos paraguaios, guaranis, e cruzeiros, não me lembro se tinha mais. Sei que eles já tinham aprendido tudo aquilo e quando cheguei ali, não sei o que eu disse e o cara me deu uma bofetada que me atirou! Ele veio para o meu lado de novo e eu me “arrei” e aí chegou o delegado mandando parar e me trancou. *“Isso aqui não é hora de...”* E aí já queriam saber onde eu tinha os negócios de falsificar, onde que estava e tal e fiquei quieto de início, mas vou ter de dizer, não adianta, vão pegar o meu carro e vão mandar em Ijuí, o fulano que é esse meu sobrinho vai dizer que passou para mim, pronto e daí? Não tinha opção e aí ele ia se envolver. Daí a pouco veieram dois carros me botaram num jipe e me trouxeram para Tramandaí. Eram doze e pouco e eu fiquei lá, estava de calção de banho e fiquei lá o dia todo, era um dia quente até. Fiquei até umas três horas ali e eles queriam saber dos dólares. Aí: *“eu sou o fulano de tal, eu estava aqui para descansar um pouco, eu estou clandestino”* e eles não acreditaram. Tinha um escrivão ali, que depois que eles saíram, veio e disse: *“acho que o Sr. é... mas eu sei que o Sr. era deputado.”* Ele disse para mim: *“se o Sr. tem algum documento, alguma coisa aí? O Sr. vai no banheiro rasgue tudo, descarregue no vaso e...” “Está bem.”*

Fui lá, fiz tudo e fiquei lá. *“Se cuide, aqui não é nada”*, ele abriu o depoimento e estava esperando o delegado, *“mas depois que lhe levarem para Porto Alegre muda, a figura é outra.”* Quando chegou a noitezinha veio a confirmação. Telefonaram para ele [...] confirmaram, *“aquilo que eu achei do Sr. é mesmo, o Sr. é o fulano de tal e eles vão vir aqui e lhe levar para Porto Alegre.”* Estavam esperando dois jipes de Porto Alegre e aí foi uma caravana, quatro jipes todos armados como se eu fosse uma pessoa de... não tinha nada! Puseram-me numa Delegacia de Ordem Política e Social, o DOPS, assim que eles chamavam. Delegado [Ungaré] era famoso, mas não era ruim, ele até que me tratou... Sei que me prenderam, começaram a me ouvir, cheguei aquela hora e fui até de manhã, tomei um pouco de água, me trouxeram uma xícara de café e continuei sem dormir até de noite. Aí me mandaram, eu fiquei alojado na parte do..., na parte onde está a polícia, mas ali era para ser o Hospital Ernesto Dornelles, a continuidade. E estavam trabalhando na construção e essa parte estava pronta. E onde era o banheiro desse apartamento foi ali minha prisão. E depois tinha na frente uma parte aberta, ali tinha uma cama, um colchão, um vaso sanitário e uma pia. Fiquei ali, e depois, na outra noite novamente me ouviram, me deixaram até de manhã e não conseguiram o que eles queriam, porque eu não contei. Eu sempre fazia isso, todas as vezes que fui preso antes de iniciar o depoimento eu memorizava tudo o que tinha de dizer, e aí dizia isso, isso e isso de modo que, *“se ele me perguntar isso o que eu tenho de responder?”* Para não cair em contradição, e aí fechava tudo. Sei que chegou no terceiro dia me esqueceram lá, me deixaram três dias preso lá totalmente fechado, porque a porta não tinha e tinha uma luz em cima, aquela luz desapareceu e eu fiquei no escuro. Sem comida, sem nada, mas eu não estava preocupado, tinha água ali. Dali a pouco chega lá no terceiro dia, nem sabia que horas eram, mas ia pelo movimento e sabia que era dia, [...] abriram a porta e me focaram com aquela luz que tinha ali, um refletor na cara [...] foi quando a primeira vez meus olhos começaram a sentir alguma coisa, depois tive de usar óculos de grau, em pequena escala mas.... Eu sei que colou, eu saí dali. Fui levado lá para a sala do [Ungaré] que fez um escândalo, *“mas quem é que fez isso, porque não sei o quê. Isso aqui não é assim!”* Ele tinha mandado fazer para me atemorizar, aquilo é uma forma de deixar você... de que não manda nada, de que não está valendo nada para nós, tu és uma “caixa de fósforos.” E ficou. Tudo bem, trinta e tantos dias e depois fui removido para o centro. Lá tinham bastante presos políticos, ali já foi um alívio porque ali eu tinha com quem conversar. Foi quando eu conheci esse tal de capitão Sommer, que ia me ouvir em depoimento. Mas era um estúpido, *“você aí, sua mulher veio dormir comigo ontem, eu nem quis porque aquilo é uma relaxada!”* Um troço assim, e eu quieto. *“Tu tens uma filha né?”* Quietos. *“Eu sei que tu tem. Ela sim me satisfaz muito. É uma pena porque é uma guriazinha, não entende dessas coisas.”* Assim foi

indo. Ele queria que eu brigasse com ele, mas eu já conhecia isso. Já tinha lido que preso político não valia nada e não podia... Ficava quieto, foi o que aconteceu comigo. Depois de trinta e sete, trinta e oito dias, ele chegou lá meio correndo e entrou, o escrivão que era um sub-tenente, e *“agora hoje tu vai, vou te liquidar, vou te arrastar.”* Foi ali chamado no telefone e falou: *“ele está bravo porque veio uma ordem, veio um Habeas-Corpus e ele tem de lhe libertar hoje.”* E eu estava esperando porque, naquele tempo, existia ainda o *Habeas-Corpus*, depois não teve mais isso. Aí foi até a noite, ele me encheu, me encheu, começou escurecer e ele saiu, se retirou e dali a pouco veio a ordem para eu ser removido para a central da Delegacia de Ordem Política e Social. Lá me devolveram meus documentos, eu tinha uma caneta Parker, daquele tempo, ficaram com ela e um revolverzinho que eu tinha também ficaram. Não tinha mais nada, tinha uma pasta com umas roupas, pronto. Saí dali nove horas e fui para a minha casa, com a ordem de no outro dia voltar e depois me apresentar de quinze em quinze dias. Isso foi a primeira prisão. Essa foi lá na praia, vim da praia para cá. Mas ali não houve violência é preciso entender que... eles fizeram essas bobagens que eu disse, de deixar trancado lá, de não dar alimentação, mas dois ou três dias quando tu estás assim “atucanado” não sentes fome, sentia sede mas tinha água na pia, ia ali e tomava.

- *O Sr. foi preso outras vezes também?*

- Depois disso eu naquela época, formado processo daquele depoimento, cada quinze dias eu tinha de me apresentar na auditoria militar, não podia me afastar da cidade. Mas aí, naquele meio tempo, eu tinha uma propriedade no Mato Grosso que era da minha mulher, da mãe dela. Com o falecimento do pai, eles tinham dividido e os outros irmãos queriam vender, e eu não queria, tinha a idéia de fazer um negócio por lá. Eu tratei de... *“não vendo e pronto!”* Resolvi ir para lá para ver se iniciávamos. Aquilo tinha de fazer alguma coisa, então fui para o Mato Grosso. Fui lá e aí quando cheguei, desci do carro, desci, e fui com autorização militar daqui, até quem me deu essa autorização era o coronel do “18”⁴, ele comunicou. Fui para lá cheguei, quando entrei na minha casa eu vi que chegou um jipe com militares e foram descendo e eu entrei para dentro cumprimentei minha sogra [...]. Chegou, esse nome desse capitão eu não esqueço porque tenho um afiliado com esse nome, Capitão Oscar. Chegou assim: *“sou o capitão Oscar! Quem é o dono da casa?”* [...] *“E o Sr. quem é?”* *“Eu sou um cidadão, sou um brasileiro.”* *“Mas seu nome?”* *“Burmam.”* *“É com o Sr. mesmo!”* Já foram... entraram uns quinze, vinte militares foram mexendo na casa, [...] nos colchões e tudo para saber onde estavam as metralhadoras e onde estavam os outros recursos que eu teria levado para lá. Teria chegado lá em um avião com sessenta metralhadoras, com quinze

⁴ Nome popular pelo qual era conhecido o quartel do Exército do 18º Batalhão, localizado na Av. Ipiranga, em Porto Alegre.

engenheiros argentinos e quarenta oficiais paraguaios, que vinham para o movimento. Eles não sabiam, eles tinham prendido uma turma lá, inclusive aquele Pedrossian, que era contra eles mas depois aderiu, estava preso lá. Sei que não conversaram muito, deram uns empurrões na coitada da velha, ela ficou toda assim, e eu fui lá para o quartel e fiquei. Me trataram bem, até me deram comida, fui comer onde estavam almoçando os oficiais. Depois me removeram para uma sala grande onde dormiam os oficiais em trânsito, que não eram do quartel. Fiquei ali, no outro dia veio um major me ver. Foi quando eu soube que eu tinha sido preso porque eu teria chegado nesse... Ele disse, depois de confiar em mim, porque ele era major e era..., se abriu para mim: *“estou aqui mas estou contrariado, você pode não acreditar em mim, esteja tranqüilo eu não vou te prejudicar. Eu estou do teu lado, estou aqui, fui transferido lá ‘não sei de onde’ mas não é isso que eu quero. Minha família está lá. Mas não vou poder... tenho que fazer seu [depoimento]”* *“Está bem, estou pronto.”* Me levaram para baixo e começou, foram empurrando, no outro dia outro depoimento e assim foi. No terceiro dia foi mudando. Em São Paulo tinha o major Hélio Dornelles que era homem de... Secretário da Comissão Especial do Conselho de Segurança do Rio e era subordinado ao Amauri Curi, com quem eu tive muito tempo contato, para tentar resgatar uma documentação na qual tinha havido uma bobagem que o prefeito anterior fizera, e consegui legalizar aquilo e consegui novas verbas pelo Amauri Curi e ficamos amigos. E esse cara, *“mas o Sr. tem um amigo lá.”* *“Não, não tenho.”* *“O major Hélio ele é seu amigo.”* *“Eu conheci mas não fiz nada para ser amigo dele.”* Não queria comprometer ele, depois, sucessivamente, veio a ordem do Amauri Curi que não tinha nada contra mim. Depois de trinta e tantos dias fui liberado. A história da herança, para vocês saberem, quem fez a denúncia era um cara de Coxim, ele tinha rádio amador e se comunicava, e lá de Ijuí, um vice-bispo, sem-vergonha, ordinário, lacaio, que tinha também rádio, e eu para essa gente era um inimigo perigosíssimo. Ele soube que eu [...] e o cara de lá tinha matado o sócio do meu sócio, para ficar com o dinheiro das marcas que a gente vendeu e descobriu, o meu cunhado foi para lá descobrir [...] veio aqui e comunicou antes disso do golpe, uns dias antes, viram o negócio e abafaram e o cara era pessoa de confiança e inventou essa história e pronto. E eu fiquei lá trinta e seis ou trinta e nove dias preso. Mas lá também não houve nada de... aquela coisa, o medo que eu tinha era aquele guarda ali na porta que para eu sair para o banheiro tinha que abrir ali, batia e abria, e os caras **vinham!** Tinham medo que eu fosse lá fora. Essa foi a segunda prisão. E a última foi quando eu voltei para o Brasil, e já tinha conseguido encerrar todos os meus processos. Eu tinha treze processos no Superior Tribunal Militar e no de Recursos.

- E o Sr. voltou para o Brasil em que ano?

- Em 75. Houve uma... depois da eleição abrandou e tinha o Dr. Otávio Caruso da Rocha, deputado federal, que já tinha me visitado, ele era um cara que me ajudava nas coisas, levava alguma coisa ou outra, era pessoa também do Brizola, e uma vez ele tinha falado com a minha mãe e ele: *“o rapaz, acho que agora depois dessa eleição vai abrandar.”* *“Ir e ser preso, eu chego lá, nem chego.”* *“Mas, tua mãe vai morrer ela está velhinha.”* *“Eu quero ir lá...”* E aí, ele era um advogado famoso, já morreu, mas era um... Pegou os dados todos, já era dezembro, já estavam em recesso e foi lá falar com o general Mamede, era um linha dura daqueles mas andava meio brigado e tinha mudado. E todos nós não éramos inimigos da pátria, não éramos traidores da pátria, já tinha mudado a idéia. E o Dr. Caruso pediu uma audiência porque ele gostava muito de mim e foi lá e explicou [...] tinha a relação de todos aqueles processos. Porque esses processos do governo, sempre que o governo perde há um recuso *ex-officio*, no meu caso, naqueles treze processos, tinha dois que eu havia sido condenado nos demais eu não havia sido condenado em nenhum, havia sido absolvido. Qualquer coisa aquilo estava pendente... sei que ele foi lá e explicou, falou e dali a pouco ele pediu para, *“olha vou ler aqui um depoimento”*, nesse processo eu havia sido condenado a três anos. Um tenente que deu uma “tremedeira”, tinham se reunido, mas eu não estava nessa reunião, eu tinha feito reuniões com esses militares antes, e eles convidaram e ele foi lá. Aí falaram no meu nome e ele disse, no depoimento quando ocorreu o julgamento, ele disse que disseram que eu que tinha vindo lá falar com o coronel Alvares, não o Alvarez aquele de Livramento. *“O Burmann esteve aqui fazendo [...] do Brizola, ele tem mais organização e nós temos que fazer essa organização aqui de Porto Alegre porque houve problema e eles estão reorganizando isso para eclodir, deveria eclodir em março ou abril, na Páscoa.”* Estava estabelecida uma data. Aí renderam o cara, ele contou, caiu o resto e eu. E aí ele me colocou como o principal culpado. O Dr. Caruso: *“olha general, o Sr. deve ter a idéia do que é [...] esse depoimento, as pessoas fazem isso sem pensar e sem medir. Ninguém pode ser condenado ‘porque ouvi dizer’, ‘porque me falaram’, ‘porque isso e porque aquilo’, e é isso o que aconteceu, eles condenaram esse moço [...] esse depoimento que ocasionou isso. Ele nem conhece esse...”* Ele nem me conhecia, nunca tinha me visto. *“Como é que...”* *“O que mais tem aí? Vamos fazer o seguinte Dr., o Sr. é deputado, na sua família...”* Os Brochado da Rocha eram tudo, eram os... Não sei quem deles foi professor... *“Sei quem são os seus, e sei que o Sr. não viria pedir uma coisa que não fosse justa. Eu vou fazer o seguinte, eu vou mandar pedir”*, para o assessor, *“trazer todos aqueles treze processos, vou ler, chamar mais dois colegas e vamos estudar isso aqui.”* *“Eu queria que fosse antes do Natal isso, [...]”* Estava doente mesmo, mas não era tão perigoso assim, tanto é que ela viveu mais dois anos e pouco. Mas emocionou o cara, dali a três dias ligou *“amanhã vai ser julgado o teu protegido,*

e a parte que me tocou eu dei favorável e os outros eu acho que vai ser a mesma coisa, mas vamos ver o que vão fazer. Mas o Sr. aguarde, se o Sr. for viajar espere porque até quinta-feira”, não sei que dia da semana, “vamos dar o resultado, vamos ver se for favorável o Sr. já leva.” Foi dito e feito, sexta-feira já deram as certidões, passaram comunicação por rádio para toda Polícia Federal da fronteira, onde eles tinham ordem de me dar voz de prisão, para Porto Alegre, para os militares, para os quartéis, e ele veio lá, “está aqui, ele pode passar, nós não vamos prender mais em qualquer lugar.” Vim de lá e fui embora para Ijuí. Cheguei lá no fim do ano, dia trinta e um, amanheci o dia primeiro de 76 em Ijuí. Aí fiquei dois meses lá, comecei a trabalhar, dali a pouco entraram com outro processo e eu fui preso de novo. Esse novo processo foi uma safadeza de um companheiro que estava lá, e que eu ajudei tanto, que inventou, “ele tinha estado na [China].” Porque eu realmente tinha feito aquilo, eu tinha um esquema lá na fronteira, que todas as pessoas que voltavam do exílio eu fazia essa volta. Eles tinham um controle na rodoviária e na ferrovia, e eu sabia fazer os caras embarcarem na Estação [...], era uma estação secundária em que ninguém controlava, fazia os caras comprarem uma bíblia, aquele troço todo... “Não te identifica para ninguém. A mas eu conheço, tem isso aquilo, o Sr. é parente do fulano, tu vais te enrolar. Chega ali, vem um cara: segundo capítulo versículo tal, ‘xaropeia’ ele e ele desiste. Fica chamando ele de irmão, querendo catequizar que ele cai fora.” Assim, quantidade de gente a gente mandava para Santa Maria de trem. Ali nós tínhamos um esquema. Tinha um cara lá da Rádio Renner, era da [...] para ir lá, e era diretor da rádio. Ele era um, tinha outro, eram quatro casas, se não dava aqui ía na outra. E nunca houve problema nenhum com esses caras. Inclusive gente desse [...].

[pausa para troca de fita da câmera filmadora]

- Sr. Beno a gente retorna pedindo que o Sr. comentasse um pouco, no momento que o Sr. volta tem os seus direitos políticos novamente, concorre a deputado estadual numa segunda legislatura, em 1982, pelo PDT, é isso? Como foi, nós gostaríamos que o Sr. fizesse um resumo dessa sua segunda atuação na Assembléia, algum projeto, alguma ênfase em alguma questão que o Sr. tenha defendido nesse período?

- Eu só pude disputar em 82 porque apesar de ter, a cassação dos meus direitos políticos foram por dez anos mas depois foram complementados por mais seis anos, porque aquelas duas condenações de três anos que tive eram também três anos de cassação dos direitos políticos. Então só em 81, apesar de ter sido revogado, veja bem, revogada a decisão da justiça, mas a cassação diz que não podia porque era cassação, já estava incluído na outra.

Então eu só voltei a ter atividade política em 81, mas já estava militando. Veio a reorganização política em 82, e nós tratamos de organizar o PTB. Fizemos lá em Ijuí, tinham quase duas mil inscrições, foi rápido aquilo, tinha bastante gente, os companheiros mesmo. E aí nossa sigla ficou em poder da gente do general Golbery, e eu era um dos que achavam que nós tínhamos possibilidade de retomar a sigla, mas os companheiros [...]. Porque havia o seguinte, a lei dava... [...] *“vocês fazem um diretório do PTB aqui, e pronto, está feito o partido aqui. Vocês vão para a convenção e decidem lá.”* E era isso que ele tinha feito, ele só tinha gente dele lá, no PTB e iam fazer o que queriam. Aqui no Rio Grande nós tivemos força e no Rio, mas e os outros estados? Então a solução foi fazer uma nova sigla, e aí foi uma correria toda, fazer insígnia. Fizeram uma lei, além de tudo, para votar para deputado tinha de votar para senador, para governador, tudo junto, e para prefeito e vereadores. Era tudo em uma eleição só, e isso dificultou muito, nós tínhamos muitos municípios que não tinham os diretórios, e fazer isso em pouco tempo e sem dinheiro. Eu acabei saindo candidato a deputado. Fui candidato a deputado estadual por Ijuí. Isso eu condicionei, eu quero ser candidato por Ijuí. Eu queria dar a resposta, uma vindita seria, mas uma vindita diferente não de... porque eu tinha sido cassado e queria provar que eu tinha uma ficha limpa para quem eu conhecia. Tive muita sorte e me elegi, fiz uma votação que até hoje, per capita, ninguém fez em Ijuí, respeitado o número de eleitores. Fiz sessenta e sete por cento na legenda partidária em Ijuí, no PDT. Eleito eu vim para a Assembléia com a idéia de resolver o problema do Brasil. Aí fui ver que ser deputado ou ser nada... e acabei virando um deputado que passou a denunciar, a condenar os absurdos que haviam, e pregar um rumo que nós teríamos de tomar, um governo nacionalista, apesar de muita gente dizer que isso seria fascista, não tem não. Nacionalismo, um governo nosso, brasileiro para os brasileiros. Lutamos mas... nossa via... Eu sempre tive um projeto [...] negócio da rodoviária, mudança do direito dos transportadores de...

[Fim do lado B da fita 2]

[Início do lado A da fita 3]

- ... me ajudou muito nisso, eles queriam achavam que eram... mas não adiantou. Eu sei que votamos, ganhamos, e aí o governador vetou a lei, mas não pela vontade dele, mais pela pressão que recebeu das intrigas. E daí foi para apreciar o veto. Eu peguei, fiz, vi que marcaram [...] eu fiz um memorando para cada deputado: “tal hora” - sempre era depois das cinco horas - “haverá, conto com a vossa presença no plenário...” Para resumir o seguinte: dos 55 deputados que receberam, foram 28 comigo, então dava para funcionar, mas estava

aprovado o veto, porque o mínimo para reprovar tinha que ser 37 votarem contra, e perdemos. Isso foi um exemplo de como funciona [...]. Nós votamos bem [...] um projeto um negócio aí, essa lei de... do gado... mas agora não lembro... que atinge o fígado, o coração do animal, e tornava-se inútil, e nós queríamos fazer uma lei rígida, para sanear isso. É uma doença transmitida pelos cães, que comem os resíduos dos animais e levam a doença na mesma. Não conseguimos. E assim foram outras coisas. Lamentavelmente o problema de um deputado, se ele não tem uma bancada, por exemplo aqui no estado que são 55, se ele não tem 28 deputados da sua bancada, ele não consegue nada, porque o poder quem tem é o governador, e... isso é um mandato que se hoje me oferecessem, de deputado, *“tu pode assumir lá, tu está eleito, conseguimos essa votação”*, eu não aceitaria, porque é inútil, vou fazer o que lá? Eu só aceitaria se tivesse um partido com uma bancada que formasse a maioria, único dos partidos que conseguiu isso foi o do Sarney, com o tal de Cruzado⁵, inventaram que teria filé a 2 reais o quilo, e nós sabíamos, e eu fui um dos que segui todo o tempo falando que no dia 15 de novembro era a eleição, no dia 18, cairia tudo aquilo. Eu nunca, se tivesse essa certeza, eu acertaria na mega-sena super-acumulada, no dia 18 caiu tudo, a carne triplicou de preço, a gasolina subiu, foi isso. Então, de nada resolve **um** deputado se ele não tem uma bancada ao lado dele, quer dizer o partido tem que ter o poder, digamos aqui nós temos 55 deputados, tem que ter, digamos, 29 deputados da bancada do PDT. Mas o partido tem que ter ações. Tal e tal assunto está sendo encaminhado *“vamos resolver”*, resolve que é assim que nós vamos votar. O partido fecha a questão, e aquele que não votar é excluído do partido, cassa o registro dele no partido dele que vá procurar outra coisa, porque aí moraliza. Agora, como nós dissemos, um deputado se elege por um partido hoje, por exemplo, um prefeito desses chega lá no dia 1º e já vai mudar, eu vi que um prefeito de não sei de onde, que se elegeu pelo PDT, já mudou até, porque ofereceram vantagens. Quer dizer, é um negócio vergonhoso, os partidos são meros instrumentos... para a pessoa. E o pior é que tem partidos que têm poder, e têm ministros e secretários e oferece aquilo e os caras vão. Esses canalhas nunca poderiam ter sido candidatos... É condenável que lhe deram uma legenda, mas, partido para ser partido, ele precisa ter deputados, tem que ter prefeitos, vereadores... Eu não sou fã de poder legislativo, mas lhe defendo, porque ele é necessário, ele é o caminho e a segurança da democracia. Só que nós estamos caminhando num rumo muito difícil porque vai desmoralizar totalmente. Bom dos deputados eleitos em 2002, mais da metade já mudaram de partido, teve gente que já mudou quatro vezes de partido. Como é que pode?

⁵ O Plano Cruzado, foi um plano de ajuste econômico implantado pelo governo do então presidente José Sarney, em fevereiro de 1986.

- *Bom para concluir, eu perguntaria para o Sr., que passou uma legislatura não teve oportunidade de estar presente, em função da cassação e uma legislatura completa, além de ser vereador, prefeito em Ijuí. Eu lhe perguntaria como o Sr. definiria a sua participação na vida política do Rio Grande do Sul?*

- Com toda a franqueza, eu diria que é medíocre a minha participação política. Não sou um deputado vibrante, não sou um camarada para ir para a tribuna para fazer um discurso que entusiasme o povo, mas fiz um trabalho de conscientização. Isso eu fiz mesmo, dizendo que nós temos que mudar as coisas, que nós temos que defender as coisas nossas, que nós precisamos de decisões que sirvam na nossa... não dessa política financeira, isto é um absurdo, nós vamos fazer economia para pagar os juros, e deixamos o país parado, não investimos para criar trabalho, porque só o trabalho gera a riqueza, e só o trabalho gera oportunidade para as pessoas viverem, nós estamos fazendo uma política ao inverso. Agora o governo está com medo de que aumente produção e vá faltar produto. E aí dispara a inflação, mas que história é essa? Pelo contrário a inflação vem quando falta o produto, tendo bastante produto, tem muita oferta o preço... digamos que tu tens uma loja que vende mil sacos de açúcar por dia, e dali a pouco passa para 600, para 400, para 300, tu vais ter que baixar o preço para vender, e o sujeito a não ganhar nada, mas vai vender, pois se não vais ficar com o produto encalhado, a mesma coisa uma loja, uma industria de máquinas. Mas nós fizemos o inverso, fizemos uma política para evitar, porque se não vai dar inflação, nunca deu inflação, produto nunca foi inflacionário, o inflacionário é o dinheiro que colocam fora, que coisa absurda, o que fazem nesse país. Por isso que não adianta nada fazer essa política de superávit fiscal, o resultado tem sido funesto, esse presidente do Banco Central, com licença, pode até ser um homem direito, mas ele está a serviço de alguém, ele era de um banco estrangeiro, e essa política fiscal, política financeira é altamente benéfica para os bancos, e hoje aqui no Brasil só tem dois bancos, que é a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, e aqui nós temos o Banco do Rio Grande, que conseguiu se segurar, mas o resto dos bancos do estado, não são mais, o Banespa, que era uma potência, e os outros bancos são isso. Eu fui um dos primeiros acionistas do antigo Banco Mercantil, hoje o Unibanco, eu vendi as minhas ações. Eu vou estar lá, dando dinheiro para os caras fazerem o que eles fazem, com o meu dinheiro. Muito dinheiro [riso] 5 mil reais, mas se todos fizessem isso mudavam as coisas, só que não existe essa solidariedade, nem essa visão, e essa pregação eu sempre tenho defendido, e onde vou eu digo: *“não adianta culpar o comerciante ali da esquina por que ele te vendeu por 10 centavos a mais o quilo de arroz por que ele não fez nada por isso.”* Aqueles 10 centavos não alteram nada na tua vida, agora as outras coisas que vêm de fora essas alteram porque nós temos que mandar esse dinheiro para fora, e nós continuamos mandando dinheiro e muito

dinheiro. Agora o pior é que os juros, os empréstimos não são mais tomados em dólares, a não ser os do FMI, os outros empréstimos são tomados em reais, e aí tem correção, e aí os juros, tem essa taxa SELIC que é 17,5, são os juros mais caros **do mundo**, do mundo, e nos sujeitamos a pagar isso. Veja bem, agora, para se ter uma idéia, nesta ultima semana que deu esse meio por cento [...] aumentaram meio por cento a taxa SELIC, eles dão um nome lá, mas não é a taxa SELIC é juros mesmo, isto representa por mês 2 bilhões a mais de juros que nós pagamos, naquilo que nós já estamos pagando, mais 2 bilhões, o que eu não faria, por exemplo, aqui no Rio Grande do Sul resolvia o problema escolar, criava escola em toda parte, daria esses CIEPS com alimentação, com escola o dia todo, eu não sei porque, se nós não criarmos... um movimento em defesa da educação, que essa educação se torne extensiva para todas as pessoas, para os pobres e os ricos, nós nunca vamos sair do poço. Melhoramos muito, eu já disse isso, sem dúvida alguma um dos maiores méritos do Brizola, não foi só ele ter feito essa obras, ferrovias, rodovias, usinas elétricas, mas aquelas escolinhas, as brizolinhas como eles chamavam , pois ao menos abriu a oportunidade do indivíduo saber ler e escrever alguma coisa, ler o jornal, e a entender um pouco, um pouco só porque para ele entender melhor interpretar, ele tem que ir adiante, mas melhorou muito, só que melhorou muito do que era nada, mas ainda continua quase nada a nossa formação em educação.

- *Nós agradecemos então a sua participação nessa entrevista, seu interesse e muito obrigado.*

- Eu agradeço a oportunidade de estar com vocês aqui, foi uma honra.